

MEMÓRIAS DE ASTRID

Alfredo Ciuffi Neto

PREFÁCIO

Memórias de Astrid é um romance de ficção, criado e extraído da imaginação deste autor, que procurou mostrar ao leitor a força e a determinação de certas pessoas na imagem fictícia de Astrid, essa extraordinária mulher que soube viver e morrer deixando um legado de muita experiência e fé.

A história é contada, na verdade, em duas fases diferentes, enquanto ela permanecia no leito do hospital acometida por um coma profundo, mas estando consciente de tudo a sua volta.

Na primeira fase, imóvel, Astrid, observava e captava tudo que o se passava ao seu redor, no quarto onde permanecia imóvel; na segunda fase, quando voltava seus pensamentos às reflexões de sua vida passada. Estes lapsos de tempo se alternavam, oscilavam em seu subconsciente conforme o momento e as emoções que estava sentindo, enquanto aguardava a morte iminente.

Bem, de resto, o leitor fará as suas próprias conclusões.

O autor



Tudo aconteceu de forma muito rápida. O tempo passou, a idade avançou depressa. Adoecei. Condenada num leito de hospital, em fase quase terminal, recuperei-me daquele calvário com muita fé e determinação. Agora, de volta ao lar onde aos poucos convalesço, escrevo minhas memórias... ...

"Estava naquele quarto de hospital, deitada num leito entre quatro paredes frias que me mantinham confinada.

Apesar do coma profundo que arrebatou aparentemente a minha consciência, tudo via e escutava como se estivesse gozando de uma vida plena e cheia de fantasias. Apenas não podia falar e me movimentar. E Deus sabe o quanto queria poder exprimir o que sentia. Queria andar e correr como outrora, recuperar-me logo, só assim abreviaria este sofrimento intenso e também o de toda aquela gente que rodeava o meu leito.

Olhava à minha volta e enxergava pessoas de minha consideração, meus familiares, gente a quem amava, falando baixinho em cochichos nos ouvidos. Por certo comentavam o meu estado precário, o aspecto quase terminal em que me encontrava.

Em cada semblante eu notava uma tristeza profunda e comovedora, que eles deixavam transparecer sem o menor constrangimento. Em seus olhos amargurados eu percebia todo sofrimento que lhes causava. Estavam todos cansados, exaustos, procuravam se revezar na vigília do meu leito de morte.

Se tivesse força pediria que fossem embora, que saíssem daquele quarto triste. Lá fora o sol radiava em toda a sua plenitude gerando vidas, ao contrário do que se passava naquele ambiente fúnebre e entristecedor. Deixem-me sozinha com os meus pensamentos!- gostaria de gritar bem alto, mas como poderia dizer-lhes tudo isso, se mal

podia mexer os dedos dos pés? Não tinha mais nenhum domínio sobre meus músculos, e ao que parecia, somente meu cérebro funcionava naquele momento com total lucidez. Mas até quando meu Deus, até quando?

Os dias se sucediam lentamente e todos esperavam a minha melhora que nunca chegava. Rezavam e pediam aos santos de suas devoções que me devolvessem à vida normal, cheia de alegrias e venturas; mas vinte e dois dias já eram transcorridos e os médicos que me atendiam já começavam a dar sinais de desânimo. Nada adiantava, nada resolvia, apesar da aparelhagem que me monitorava a todo o momento.

Acometida por um mal súbito, fui trazida às pressas para este hospital pela minha filha e neto, que buscavam socorro e amparo médico. Naquele dia eu não estava tão lúcida. Mal podia escutar ou ver o que se passava ao meu redor. Só sei que estava amparada por meus familiares, tal o estado de decrepitude em que me encontrava. Sentia-me zozna e com uma fraqueza cada vez mais intensa que me deixava esmorecida, até que um sono profundo penetrou na minha alma.

Minha visão aos poucos foi se apagando, e tudo a minha volta desaparecia como por encanto ou toque de magia. Meu estado se agravava a cada dia que passava e eu já previa um encontro com Deus, que me aguardava lá no alto do céu.

Escutava o médico dizendo que eu estava em coma profundo, passando por um estado de estupor severo, com gradativa perda da sensibilidade e mobilidade, que o processo era irreversível e que, apesar disso, possivelmente eu pudesse escutar as vozes que me ladeavam e sentir as emoções que me envolviam. O doutor estava certo, eu me sentia viva por dentro como nunca estive antes. Era a mais pura verdade, porque eu sabia de tudo que se passava dentro

daquelas quatro paredes, onde a morte, sinistra e sombria, rondava aguardando a hora certa de me levar para a eternidade.

Tinha a certeza que não conseguiria voltar deste estado letárgico que me tomava as forças aos poucos e devagarinho me consumia. O desejo de minha filha, convertido em orações, implorava a Deus para que eu tivesse uma rápida recuperação. Podia ouvi-la em suas preces fervorosas, pedindo ao Senhor Onipotente uma salvação quase impossível.

Num sonho que teve, minha filha me via levantando da cama, colocando o meu vestido favorito de cor cinza, com um pequeno lenço que me envolvia o pescoço. Punha meias de nylon e calçava sapatos de saltos altos, convidava-me, no calor de seus anseios, para irmos juntas para casa, tamanha a sua esperança na minha melhora. Mas foi apenas um desejo lindo que demonstrou o grande amor que sentia por mim. Isso eu pressentia e absorvia da sua ilusão, pois essa era a sua grande vontade. Foi incrível poder penetrar no pensamento de alguém e arrebatá-lo os seus mais ínfimos desejos, jamais imaginava que seria possível, ainda mais nas condições em que eu estava.

Naquele leito profundo, estirada sob o lençol branco, em vida vegetativa, não sabia se estava semiviva ou semimorta; entubada e imóvel, alimentava-me através de sondas e soros que fervilhavam em minhas veias já escassas e ressequidas pelo sangue que começava a faltar. Ouvia algumas pessoas que me visitavam dizerem, em tom quase que conformado, que eu estava me purificando naquele calvário para uma vida melhor, mais perto de Deus. Seria isso verdade?

E assim, naquele estado de espírito agonizante, minhas funções vitais pouco a pouco iam se desvanecendo, como as nuvens no céu se desfazem ao prazer dos ventos.

Sentia que meus batimentos cardíacos estavam cada vez mais tênues; mais fraco batia o meu coração, já sem forças para resistir a tanta angústia.

Minha respiração tornava-se um pouco ofegante, intermitente, num descompasso maior, como num filme em câmera lenta que com extrema lucidez, começava a descortinar a minha vida. Todo o meu passado corria pelo meu cérebro com muita nitidez. Tal clareza me permitia visualizar momentos de intensa felicidade e me proporcionava uma paz interna duradoura, enquanto a morte chegava mansinha, sorrateira e traiçoeira.

Aos poucos eu sentia que uma nuvem branca me envolvia o corpo, fazendo-me parecer que flutuava pelo universo adentro.

Ao longe eu escutava vozes que se misturavam aos ruídos dos aparelhos que me mantinham ainda por algum tempo neste sopro de vida. Devagarinho essas vozes iam se desvanecendo, atenuando a intensidade até desaparecerem por completo.

Passava por uma transe maravilhosa, esquecia-me das incômodas dores que tanto me maltratavam. Caminhava ao acaso na imensidão do céu. Experimentava uma sensação de leveza jamais conhecida, algo inexplicável que me arrebatava num esplendor sem fim.

Continuava vagueando livre pelo céu azul e infundo, sentindo uma paz interior penetrante, apaixonante, que me punha em sintonia com o cosmo, esse universo todo harmonioso que me levava a retroceder no tempo.

Nada mais via ao redor daquela cama, daquele quarto, nada mais escutava ... deixava-me levar pelas divagações ... apenas me transportava através dos tempos, em retrospectiva de toda a minha vida pregressa..

Apesar dos meus oitenta e sete anos, magrinha e com os dias contados, chafurdada neste leito, via-me menina, jovem e sonhadora, elegante e bonita conforme os padrões da época.

Relembrava aos poucos de meus avós, de meus pais, da minha infância, da juventude, de meus amores e desamores... ... Estava no ano de 1.920, numa pequena cidade do interior da Alemanha ...

*** **

Deixamos a Alemanha, onde morávamos na pequena cidade de Ingolstadt, quando ainda eu era uma menina de apenas sete anos de idade. Usava tranças que pendiam em ambos os lados da cabeça e terminavam com um laço de fita nas pontas. Meus cabelos eram longos e claros. Meus vestidos, compridos e quase sempre no tom cinza, minha cor preferida.

Não gostava do meu nome, porque Astrid soava comum e havia muitos outros iguais na cidade. Era um pouco rebelde e determinada em tudo que fazia. Um pouco teimosa também, conforme minha mãe sempre dizia quando eu fazia estrepolias e ela se zangava comigo.

No dia em que embarcamos para o Brasil, uma nevasca cobria toda a cidade e o frio estava intenso. No porto onde tomaríamos o navio, havia uma multidão que também procurava os seus destinos. Ali meus pais teriam que entrar numa enorme fila onde receberíamos autorização para embarcar através de um visto em nossos documentos.

Em meio àquele amontoado de gente, sensível e temerosa eu agarrava nas mãos de meu pai, com medo de me perder e ficar sozinha naquele lugar frio e mal cheiroso. Chorava só de pensar em ficar perdida naquele porto. No mesmo instante que me agarrava neles, mantinha presa

firmemente junto a meu corpo uma pequena boneca de pano que Papai Noel me deu no último Natal. Ela tinha sido o meu brinquedo favorito, a minha grande alegria. Eu adorava a minha bonequinha e a chamava de "minha menina," e aonde ia, arrastava-a comigo. Meus pais ficaram pobres e não podiam me dar um brinquedo mais caro e melhor.

Não tardou para que estivéssemos no guichê sendo atendidos. Após os carimbos necessários, pegamos os papéis e andamos com alguma dificuldade por entre aquele povo todo que se aglomerava na expectativa de zarparem rumo as suas direções, aos seus destinos, carregando nossas tralhas até mais próximo do cais onde estava atracado o navio que nos levaria ao Brasil.

Dois apitos longos e ensurdecedores avisavam que era chegada a hora do embarque. Grandes pranchas de madeira foram postas pelos marinheiros, unindo o navio ao solo do embarcadouro, fazendo um corredor de passagem, facilitando o acesso ao interior da embarcação. Nova fila foi formada para apresentar os documentos ao capitão, que postado à porta de entrada, olhava detidamente todos os papéis. Era chegada a hora da partida. Nossos corações palpitavam pela emoção e medo do destino desconhecido.

Meus avós, nos acompanharam até o porto, abraçaram-se a nós como se aquele momento fosse o último de nossas vidas. Todos estávamos muito tristes com a separação. Eu, pequenina, agarrei-me ao pescoço da vovó Gertrudes em prantos, pedindo a meu pai que me permitisse ficar com ela. Isso não foi possível e embora a contra gosto, deixamos os dois velhinhos, que também choravam lágrimas profusas de tristeza pela nossa partida.

Do convés, eu os via acenando com seus lencinhos brancos, desejando-nos uma boa viagem. Vez por outra enxugavam suas lágrimas de saudade antecipada, com o mesmo lencinho. Deus! Como é difícil a separação quando

as pessoas se amam, pensava triste e chorosa.

Tínhamos o visto de embarque como emigrantes, e deixávamos o nosso país para tentar uma vida melhor na América do Sul, de onde se ouvia falar de muitas cidades novas e promissoras. Esta foi uma grande aventura, cheia de dificuldades e emoções fortes, acompanhada de muito tropeço e trabalho, na seqüência.

Como emigrantes que éramos, alojamo-nos como pudemos no porão do navio. Juntaram-se a nós, durante a viagem, diversas pessoas das mais variadas nacionalidades. Gente engraçada com hábitos e costumes diferentes dos nossos, com os quais eu não estava acostumada. Pessoas que falavam línguas diversas e incompreensíveis. Eu achava tudo aquilo muito estranho. Para onde olhava via coisas que me chamavam a atenção; o próprio navio era desconhecido para mim, pois esta era a minha primeira viagem, e por isso mesmo tudo me fascinava.

Novamente três apitos soaram, deixando escapar pela chaminé uma fumaça preta que saía das caldeiras do navio. Aquilo era um indicativo de que íamos partir em seguida. Assim que o som se dissipou no ar, lentamente a grande nau começou a se mover em direção ao centro do mar.

Não demorou muito e a nossa volta nada mais se enxergava além de água, muita água, que com seus movimentos ondulares balançavam a embarcação, enquanto singrava suavemente cortando as ondas geladas do mar.

Ficava maravilhada com tudo que eu via. Vez por outra minha mãe deixava que me aproximasse do convés, e então ficava absorvida pela cor verde do mar, pela cor azul do céu, ambas se encontrando no infinito longínquo.

Toda aquela exuberância, toda aquela beleza natural

contrastava de maneira extraordinária e ao mesmo tempo gritante, se comparada com o porão onde estávamos nós, os emigrantes.

Dormindo amontoados em beliches sujos e malcheirosos, os emigrantes muitas vezes se revezavam para poderem descansar, dada a falta de leitos, por causa do excesso de pessoas, de maneira que, estávamos todos empilhados.

Poucos compartimentos de banhos serviam às nossas necessidades, e quase sempre havia uma fila enorme em suas portas. Eram sujos e emporcalhados, ambiente certo e oportuno para a proliferação de doenças.

Não havia possibilidade de tomarmos banho naquele local pela ausência de banheiras. Tudo estava sendo muito penoso para todos, e especialmente para meus pais, que apesar de pobres, não estavam acostumados com aquele tipo de ambiente.

Meu pai, Gustav, vinha de uma família tradicional da Alemanha, os Von Bergs, que perderam todo o patrimônio acumulado em décadas num negócio mal feito ou pouco planejado. Homem duro que não se deixava abater facilmente na sua dignidade ante a aspereza da vida, estava ali, diante de uma nova situação que embora constrangedora, mantinha-se firme com visão no futuro. Nada comentava sobre aquilo que via naquele lugar úmido e fétido.

Minha mãe, Ingrid, mulher de extrema beleza, e apesar do ambiente desfavorável não se descuidava do seu visual, gostava de se manter sempre bonita. Atenciosa com todos, logo fez muitas amizades pela sua extrema simpatia. Graças a isso a sua viagem se tornou menos penosa.

Vez por outra eu ouvia o apito do navio anunciando

a chegada em algum porto, onde atracaria para carga e descarga dos produtos que transportava. Muitas vezes ficávamos parados por até dois dias consecutivos, sem que pudéssemos desembarcar para tomarmos um pouco de ar fresco e renovado. Dez dias já havia passado desde o embarque na Alemanha. Eu começava a dar sinais de cansaço e fastio. Uma febre persistente deitou-me ao leito para desespero de minha mãe, que nada podia fazer para controlá-la. Ali onde estávamos não havia remédios ou algo que pudesse tomar para aliviar os sintomas.

Nos dias que se seguiram, meu estado de saúde e ânimo só pioravam. Os demais emigrantes já revoltados e amedrontados com os boatos que corriam de boca em boca sobre uma peste que possivelmente eu havia contraído, a partir da urina das ratazanas que circulavam livremente pelo chão escorregadio e molhado daquele porão imundo.

A notícia da tal peste chegou depressa aos ouvidos do comandante, que preocupado, desceu até a parte inferior onde estávamos alojados para averiguar a veracidade do que falavam. Ao ver o meu estado, o tal homem levou-me até o seu camarote onde haveria remédios para a cura do meu mal. Felizmente não era a peste que diziam. Minha mãe teve que me acompanhar, pois teimosa e birrenta como eu era, jamais iria sozinha com aquele homem estranho, elegantemente vestido de azul, que todos chamavam de comandante. Junto levei também a minha boneca de pano, a "minha menina", amiga inseparável de todas as horas, de todos os tempos.

Neste estado febril permaneci por mais três dias, e só quando melhorei notei a diferença existente entre o conforto da cabine do comandante, comparada com o porão onde estávamos. Era algo notório, gritante. Já não tínhamos mais vontade de descer aqueles degraus da escada que nos levariam até o nosso ínfimo patamar, onde se encontrava o meu pai.

Durante o meu tratamento, o comandante me cuidava bem e me dava muitas regalias. No conforto de seus aposentos, me trazia algumas pílulas maravilhosas que refreavam o curso evolutivo de minha doença. Sempre atencioso e elegantemente vestido, não resistiu aos encantos de minha mãe, e nem ela aos dele. Seduzidos por suas belezas, fizeram amor na sala contígua, enquanto eu dormia e me recuperava no aconchego do leito macio e quente. Mas isso só fui saber muitos meses depois de nossa chegada ao Brasil. Minha mãe manteve esse segredo durante todo o tempo, e isso foi muito bom porque poupou o meu pai de um grande desgosto antes de sua morte, ainda em plena viagem.

Algum tempo depois, subitamente ele contraiu a tão temida peste bubônica, que dizimou quase metade dos emigrantes que viajavam naquele porão. Foi algo horrível de se ver. Pessoas que lentamente agonizavam e morriam por inanição, mal podendo falar, moribundos, balbuciavam, pediam, imploravam por um socorro que não vinha. Cada um deles via o seu sonho da "terra da esperança" ruindo. O pânico tomou conta de todos pelo medo de contraírem tal enfermidade.

Numa cerimônia simples, com uma oração improvisada pelo comandante no convés, o corpo do meu pai foi jogado ao mar, seguido por outros em igualdade de situação. Fiquei traumatizada ao presenciar aquela cena toda.

Agora, mamãe estava desorientada e sem saber o que fazer, prosseguia a viagem pensativa e cheia de remorso pelo que tinha cometido. Penitenciava-se pela traição ao seu marido, estava arrependida e amargurada.

Navegamos quarenta e cinco dias até chegarmos ao porto de Paranaguá; lá desembarcamos para prosseguir viagem de trem até Curitiba, onde, começaria uma nova fase

de nossas vidas, numa comunidade alemã, nos arredores da Cidade.

*** ***

De repente ouvi alguém batendo à porta do meu quarto no hospital. Dois toques suaves e em seguida a enfermeira adentrou com sua bandeja cheia de remédios.

Em minhas divagações percorria ainda há pouco os caminhos de uma vida passada, e não fosse pela enfermeira estaria ainda relembrando aqueles momentos que me traziam à lembrança uma época distante.

Aos poucos aquelas nuvens brancas que me absorveram foram se dissipando, e trazendo-me de volta à nova realidade. Tomei consciência outra vez de tudo que se passava ao meu redor. Via a enfermeira trocar o soro que me alimentava pelas veias, nada sentia, nem mesmo a picada da agulha que traspassava a pele e penetrava no vaso sangüíneo.

Minha filha falava comigo como se eu pudesse lhe dar uma resposta. Afagava minhas mãos com muito carinho, mas nem mesmo sentia o calor que elas transmitiam. – Ah! Como gostaria de retribuir tanto amor e afeição. Deus! Leva-me contigo ou cura-me de vez! Era tudo que eu pedia naquele momento de aflição e agonia. De nada adiantaria estar chafurdada nesta cama, imóvel e insensível, se nada eu podia fazer, além de captar as emoções que me cercavam, gerando apreensões àqueles que me amavam. Senhor, ouça as minhas preces, atenda ao meu pedido. Reconheço que no passado não tive uma vida exemplar, e por isso tenho que enfrentar esta provação. Vinte e dois dias naquele hospital já eram suficientes para expiar todos os meus pecados.

- Não me abandone, Senhor! Leve-me contigo ou deixe-me viver. Pedia naquele momento.

A enfermeira terminou a medicação prescrita pelo médico. Várias injeções foram aplicadas diretamente no cateter, colocado estrategicamente no interior de uma das veias do meu braço, possibilitando, assim, diminuir o sofrimento causado por várias picadas de agulhas das seringas.

A enfermeira fixou seu olhar demoradamente nos meus olhos, e num ato de benevolência e consolo, deu-me dois tapinhas no ombro, desejando-me boa sorte; em seguida olhou para minha filha, falou alguma coisa que não pude perceber e saiu fechando a porta do quarto.

Lá fora o dia terminou numa tarde fria de inverno. Os remédios aplicados iniciaram o efeito, induzindo-me a um sono pouco profundo.

Meus olhos aos poucos iam apagando a visão global que tinha do quarto. Os móveis e os quadros dependurados na parede tornaram-se obscurecidos até desaparecerem totalmente. Ao mesmo tempo, aquelas nuvens brancas que me envolviam em torpor, tomavam novamente todo o meu cérebro. E assim, neste estado de estupor e insensibilidade motora, sentia que devagarinho minhas recordações começavam a fluir de dentro de mim. Fiz regressões outra vez.

*** ***

Quase dois meses já havia passado desde a nossa chegada na comunidade alemã, nos arredores de Curitiba.

Minha mãe prestava serviços na fazenda, ordenhando as vacas diariamente e fazendo laticínios a partir do leite obtido. Levantava-se bem cedo, e dormia quando a noite já ia alta. O trabalho era intenso e cansativo.

Neste início de convivência, apesar dela estar junto a pessoas de sua nacionalidade que a ajudavam na compreensão e entendimento da língua, tinha muitas dificuldades com as expressões idiomáticas da terra, pois entre alemão e o português, a diferença é muito grande. Volta e meia se via enroscada em algum verbo de difícil conjugação ou pronúncia, até era muito engraçado vê-la falar com aquele sotaque carregado, misto de português e alemão.

À medida em que o tempo passava, sentia-se cansada, enjoada e com forte dores nas costas que estavam quase a impossibilitavam de trabalhar. Foi ao médico, que atestou após alguns exames de rotina, uma gravidez que ela já sabia da existência. Nunca falou nada a ninguém nestes meses todos; sentia vergonha pois teria de confessar que a criança era do comandante do navio, com quem fez amor, na oportunidade em que me tratavam por estar adoentada.

O que aconteceu entre ela e o comandante não passou de um enlevo momentâneo. Minha mãe gostava do meu pai, e numa situação normal aquela atração jamais teria acontecido. A mudança de ambiente, o meu estado de saúde, o porte bonito e elegante do comandante, tudo, tudo contribuiu para aquela união atrativa e momentânea.

E como consequência disso, havia uma criança em sua barriga prestes a nascer. Seria a minha irmã mais nova e com certeza teria de amá-la muito. Torcia para que fosse menina, só assim teria uma companheirinha para brincar, apesar dos sete anos que nos separavam.

Agora voltaríamos a ser três outra vez. Desde a

morte de meu pai vivíamos as duas, mamãe e eu, num pequeno quarto nos fundos da casa da fazenda. Esperávamos ansiosas o nascimento daquela criança. No quartinho quase tudo já estava arranjado, embora pequeno, aproveitamos cada canto procurando acomodar nossa visita, que viria para ficar. Ambas estávamos muito contentes, e mal podíamos esperar a hora do nascimento.

Mamãe trabalhava muito na fazenda, não abandonou a lida até o momento derradeiro. Andava cansada e com uma barriga enorme. Aproximava-se o dia do parto e ali não havia recurso que a amparasse no momento exato. Eu era muito pequena e pouco sabia dessas coisas. Temia pelo momento último, pelo que pudesse acontecer a todos nós.

Os dias se sucederam depressa, e assim a hora chegou. Foi na madrugada de uma noite escura que ela começou a sentir fortes dores. Debilitada, gritava pedindo ajuda. Acordei assustada sem saber o que fazer naquele momento. Pus-me a chorar abraçada a ela, numa cena ímpar. Sem ação alguma, estávamos ali, as duas, entregues à sorte. Como poderia ajudá-la? Com pouca idade e sem noção alguma que pudesse me orientar para minorar o sofrimento de minha mãe. Estava apavorada.

De repente, ocorreu-me chamar o nosso senhorio, o dono da fazenda, que morava um pouco mais à frente, na casa grande. Saí correndo em desespero, gritando por socorro. Várias vezes bati à porta da casa, até que me atenderam.

Corremos todos de volta, meio atônitos e sem ação. Verificando o estado de minha mãe, o senhorio optou por ir até a cidade buscar o médico. Isso demorou muito tempo, até que atrelasse o cavalo à charrete. A cidade distava da fazenda uns dez quilômetros, em estrada de chão cheia de buracos, o que dificultava um andar mais rápido do pangaré.

O velho esculápio, lento pela própria idade, ao chegar verificou que era tarde demais. À mamãe restava-lhe apenas um sopro de vida, seu coração batia de maneira irregular. Havia feito o seu próprio parto, sem nenhuma ajuda, dadas às circunstâncias do momento. Moribunda, ao me ver, agarrou-me reunindo toda a força que tinha, e em prantos, sussurrou-me aos ouvidos enquanto me beijava: "Cuide bem de sua irmãzinha. Ela é filha do comandante do navio". Confessou-me deixando de lado seu brio e toda a vergonha que a acompanhou por todo o tempo. Ao terminar de proferir estas palavras, senti que seu corpo relaxou definitivamente, sua cabeça pendeu para o lado, deu o seu último suspiro.

Naquele momento não pude compreender o que dizia, um choro em soluços tomou conta de minha razão. A única coisa que percebia era que tinha perdido para sempre a minha mãe. Um rompimento interno de um vaso causou-lhe uma hemorragia que lhe custou a vida, dada a força que fez para expelir a criança. O bebê era uma menina linda e saudável, que nasceu com um choro forte, como quem se despede de alguém que parte para não mais voltar.

Mamãe foi enterrada ali mesmo na fazenda. Os peões abriram uma cova profunda no solo, num canto extremo do terreno, quase às margens da estrada que dava acesso à cidade. Seu corpo foi envolto no próprio lençol manchado de sangue, que a abrigava no dia de sua morte.

Não havia caixão e nem dinheiro para comprar um. Não houve cerimônia alguma de despedida, naquele momento só se ouviam meus soluços sufocados e contidos numa dor infinita e reprimida. No meu colo, minha irmã chorava como quem sabia o que estava acontecendo, talvez dando o seu adeus sentido naquele choro insistente.

Os peões desceram o seu corpo rapidamente ao fundo daquela cova fria e úmida, para em seguida deitarem

toda a terra diretamente sobre ele. Nem uma vela foi acesa em sua homenagem. Os peões se retiraram sem dizer nenhuma palavra sequer. Fiquei ali, imobilizada por mais algum tempo, embalando minha irmã no colo, procurando acalmá-la daquele pranto compulsivo. Sentia uma tristeza imensa no meu pequeno coração, já tão sofrido. De repente, notei que nenhuma cruz foi colocada na cabeceira da sepultura; procurei, então, um galho de árvore e o finquei em forma de cruz na dianteira do buraco, apenas para poder identificar onde minha mãe estava enterrada naquela imensidão de terra..

O tempo passava depressa e a saudade que sentia era muito grande. Sempre que podia ia ter com ela, rezar e levar algumas flores. E foi em uma dessas vezes que não consegui localizar o seu túmulo. O galho da árvore que me servia de referência não estava mais lá. A estrada foi alargada dando lugar a uma rodovia. As máquinas implacáveis se encarregaram de destruir tudo. Hoje, minha mãe está soterrada em algum ponto daquela estrada, onde jazem seus restos mortais.

A partir daquele momento minha vida se transformou por completo. Não havia mais alegria em meu coração, sentia-me abandonada e cheia de responsabilidade. Havia que continuar as tarefas de minha mãe na fazenda, até como forma de me sustentar e criar minha irmã recém nascida. Tudo aquilo era um fardo muito pesado para mim, que tinha apenas oito anos de idade.

Na fase inicial contei com a ajuda e pequena compreensão do dono da fazenda, que me permitiu ficar alojada por mais algum tempo no quarto que era de mamãe; em troca lhe faria alguns pequenos serviços na cozinha de sua casa. Pela manhã ordenhava as vacas no curral, e tirava uma pequena quantidade de leite para alimentar a minha irmã, que crescia forte e comilona.

A noite chegava cedo na fazenda. A iluminação era fraca e fornecida por lampiões encandecidos a querosene. Apagava-o cuidadosamente ao deitar, de acordo com orientações do senhorio, que tinha medo que eu o esquecesse aceso durante a noite, pois cansada pelo dia de trabalho, adormecia profundamente, só acordando no dia seguinte ou quando minha irmã chorava durante a madrugada com frio ou fome. Assim os dias iam passando. Assim cada vez mais sentia saudades de minha mãe, de seu calor, de seus afagos carinhosos, de seus conselhos, sempre nas horas certas.

Orientada pela esposa do senhorio, levamos minha irmã até a cidade em busca do cartório para registro de nascimento. Sempre aconchegada em meus braços, íamos sacolejando na charrete pela estrada afora.

Durante todo o trajeto pensava no nome que lhe daria. Tinha que ser muito bonito, tinha que combinar com aquele rostinho lindo. Pensei em vários, e quando já estava quase desistindo de buscá-los, ocorreu-me chamá-la de "Andy". Sim, seria um lindo nome para a minha irmãzinha. Ademais, quando assim a chamei, tive a nítida impressão de que ela esboçou um pequeno sorriso para mim. Quanto ao nome eu não tinha mais dúvidas, seria esse mesmo, mas e o sobrenome, qual seria? Seria o de seu pai? Nem ao menos lembrava como era o nome ou o sobrenome daquele homem que todos chamavam de comandante no navio. Melhor seria esquecer esta idéia. Apagá-la para sempre da memória.

Diante do cartorário, estufei o peito orgulhosa, e disse-lhe como ela se chamaria, com todas as letras: "Andy Von Berg". Se estivesse vivo, papai com certeza aprovaria a idéia de lhe dar o seu sobrenome, um lindo nome, digno de nossa família. Agora, neste mundo imenso, seríamos apenas as duas, Astrid e Andy Von Berg. Jurei nunca abandoná-la, por pior que fossem as circunstâncias.

*** **

O dia estava amanhecendo e os raios do sol adentravam pela janela do quarto, aquecendo o meu leito. Interrompi minhas divagações assim que o médico entrou para me visitar. Continuava em coma profundo, e percebia uma vez mais pela fisionomia dele que as coisas andavam de mal a pior. Tomou-me o pulso e por uns segundos olhou no relógio, para em seguida repousar cuidadosamente o meu braço na lateral do corpo. Apertou o botão da campainha e chamou a enfermeira pedindo-lhe que mudasse a posição em que estava deitada, provavelmente para evitar o que eles denominavam de escaras de decúbito dorsal. Não havia necessidade disso, sentia-me bem naquela posição, ademais, não tinha dores porque meu corpo achava-se todo dormente.

Minha filha levantou-se em sobressalto do sofá onde dormia, assim que o doutor entrou. Aquela foi mais uma noite mal dormida. Em seu semblante podia notar toda a sua angústia. De quando em quando olhava para mim com muita ternura e carinho. Indagou do médico a minha situação. Cobrou-lhe minha melhora. Pelos gestos do doutor, deduzi sua resposta como sendo: " O caso agora está nas mãos de Deus, vamos aguardar para ver".

Assim que o médico saiu do quarto, entrou a enfermeira do plantão daquela manhã. Trocou-me o soro e me fez mais algumas aplicações dos medicamentos recomendados pelo doutor. Todos os dias aquela rotina se repetia. O cuidado que a equipe médica dispensava comigo realmente era digno e surpreendente. Parecia que não desanimavam nunca, sempre existia uma esperança na minha recuperação.

Eu acompanhava os movimentos do quarto sem mexer sequer um dedo, ou piscar um olho. O meu corpo

estava paralisado e sem sensibilidade, mas o cérebro estava ágil, lúcido, e permitia-me perceber tudo que me rodeava por cognição.

Meus olhos estavam sempre abertos, arregalados e brilhantes, como duas células sensorizadas que captam os movimentos e as emoções. Ninguém até aquele momento ousou fechá-los forçando-os com as mãos, não sei se por medo ou respeito, contudo se alguém tentasse, não conseguiria, pois a musculatura estando rígida retornaria imediatamente como estava inicialmente. Pensei.

E assim, continuava já no vigésimo terceiro dia de internamento. Sentia-me cansada pela posição incômoda na qual me achava. Olhava para a parede que estava bem na minha frente, e via nela um crucifixo pendurado. Era a imagem de Cristo. Avaliava o seu sofrimento. Comparava-me a ele e percebia quão tênue era o meu calvário. Sentia-me um pouco aliviada e começava a pressentir que poderia voltar a viver, restava-me um pouquinho de esperança. Rezei pedindo-lhe uma vez mais que me levasse, ou que me deixasse viver de uma forma digna.

Algumas vozes distantes interromperam minhas observações e desejos, eram amigos que chegavam para visitar-me. Estando cansada, adormeci e me aprofundei no leito, leve como se levitando estivesse, e uma nuvem branca vindo não sei de onde me envolveu; flutuei levando no peito uma imensa paz, divaguei novamente, deixei-me absorver pelas recordações que prolongaram um pouco mais a minha vida, enquanto aguardava a decisão do Senhor.

* * * ***

Saímos do cartório contentes, eu, dona Anita, esposa do seu Pedro, o nosso senhorio. Agora, Andy possuía uma identidade, já podíamos considerá-la uma pequena cidadã.

Do cartório fomos diretamente para a igreja onde o padre a batizou, molhando-lhe a testa com água benta. Andy reclamou um pouco pela água fria, mas não chorou. Seus padrinhos riram juntamente com o pároco pela reação da menina, fazendo caretas e contorcendo-se para os lados, procurando evitar o rescaldo frio em seu corpinho quente.

Dona Anita, mulher ainda jovem, esposa de seu Pedro, o senhorio, surpreendia pela generosidade, sempre procurava nos apoiar e nos amparar. Já ao sairmos da igreja, levou-nos até uma loja e comprou muitas roupinhas para o nosso bebê. Sim, nosso bebê. Andy era um pouquinho deles também. Agora eles eram os seus padrinhos. Sem dúvida alguma tinham se afeiçoado àquela criança, que por força do destino nasceu sem mãe.

Fiquei muito contente com as roupinhas que Andy ganhou, agora ela poderia estar melhor agasalhada, eu a vestia nos trajes novos como se estivesse brincando de vestir a minha boneca, que já andava meio abandonada num pequeno canto do quarto, como consequência natural dos últimos acontecimentos.

Prometia à Andy enquanto a vestia guardar e zelar bem da "Minha Menina", a bonequinha de pano que me foi dada pelo meu pai no último Natal que passamos juntos, para que quando crescesse um pouquinho mais, pudesse brincar com ela. E então lhe contaria histórias sobre ele. Falaria de seu triste destino naquela viagem, onde perdeu a vida e morreu à míngua sem o menor socorro, sendo jogado ao mar feito uma coisa qualquer. Aquela cena foi horrível e me traumatizou muito.

Seria entretanto, muito embaraçoso para eu dizer à

Andy que o pai dela não era o mesmo que o meu, que éramos irmãs apenas por parte de mãe. Jurava a mim mesma que levaria esta história ao túmulo comigo, que jamais lhe contaria a verdade, e então, ela poderia sentir orgulho do homem guerreiro que foi o nosso pai.

Prometi na igreja quando de seu batismo que estaria sempre a seu lado, e que jamais a abandonaria por maiores que fossem as dificuldades.

Projetava na minha mente infantil um futuro cheio de alegrias para Andy, enquanto acariciava seu rostinho fazendo-a dormir todas as noites. Este era o tempo que tinha disponível para conversar com ela, contar minhas histórias e pensar em nossa mãe e na sua triste desventura. Não poderia e nem deveria contar-lhe que mamãe morreu de seu parto, isso a levaria para uma situação traumática que poderia comprometer o seu futuro.

Pensava nas dificuldades que poderiam sobrevir a qualquer momento. Tinha consciência disso, era muito jovem e sem condição alguma para nos sustentar. O trabalho que trocava pela nossa alimentação e abrigo naquele quartinho não poderia durar além da boa vontade do senhor da fazenda, que começava a implicar com o choro e birra que Andy fazia na hora de dormir ou de se alimentar. Parece que tudo isso incomodava o seu padrinho, que já estava dando sinais de intolerância.

E assim a vida continuava, crescíamos e aprendíamos com os percalços, com suas vicissitudes, com seus dissabores. Tínhamos ilusões e decepções que vinham e iam da mesma forma que chegavam; era o processo de aprendizagem e adaptação ao modo de viver, era a aceitação por contingências dos reveses da vida. Amadureci rapidamente e me enchia de obrigações, tanto no trabalho como nas tarefas de progenitora de Andy. Nada estava sendo fácil.

O tempo passava com a velocidade do vento, e cada dia era um novo dia de aprendizado; eu crescia e me tornava mocinha. Estava com treze anos e Andy com cinco. Agarrada comigo, não me deixava um minuto sequer; para onde eu fosse ela teimava em ir junto, e isso prejudicava um pouco minhas atividades na cozinha e principalmente na hora da ordenha das vacas, pois tinha de estar a toda hora de olho em suas estrepolias, o que desviava a minha atenção do trabalho. Isto deixava o seu padrinho zangado e intolerante.

Numa noite chuvosa fui chamada às pressas para fazer companhia à dona Anita, que não passava bem de um mal súbito. Enquanto o seu marido atrelava a charrete para ir buscar o médico na cidade, fiquei a seu lado naquele momento de dor e muita angústia. Eu tinha um carinho muito grande por ela, admirava a sua generosidade e estava reconhecida por tudo que fazia por nós.

Na época, ainda muito criança, quase não pude perceber a gravidade do caso. Lembro-me de tê-la visto contorcendo-se, agarrada ao travesseiro, gemia pelas fortes dores que sentia na cabeça e, de quando em quando, levava ambas as mãos na fonte comprimindo-a na esperança de afastar dali o incômodo que sentia. Falava com ela mas não me respondia, e foi quando, de repente, deixou-se ficar estirada na cama como que desmaiada. Seus suspiros findaram, sua respiração tornava-se mais freqüente e menos profunda. Senti um medo invadir-me o corpo, um arrepio subiu-me a espinha. Algo estava acontecendo naquele momento. Comecei a chorar e a falar ao mesmo instante em que a sacudia pelo braço. Seu corpo lânguido deixava-se estar solto sobre a cama. Não me respondia, não abria os olhos e tampouco reagia as minhas sacudidelas.

Sem iniciativa, aguardava que chegassem com o médico. Andava de um lado para outro do quarto e rezava as orações que aprendi com a minha mãe. Pedia à Deus que lhe poupasse a vida, que não a deixasse morrer.

Aquela cena que presenciava me lembrava e me reportava ao porão fétido daquele navio, onde meu pai faleceu . Foi uma cena inigualável de desespero e descaso dos demais emigrantes que nada fizeram para ajudar, antes mesmo, afastavam-se de medo de contraírem a peste, que dizimou parte das pessoas que ali estavam. Minha mãe gritava por socorro, pedia ajuda para a tripulação que também com medo se afastava.

Agora, naquele noite estava eu ali sozinha, pedindo por socorro divino, e desesperada porque o médico não chegava. Olhava para a cama e dona Anita permanecia imóvel, do mesmo jeito que estava acomodada ainda há pouco. Meu desespero aumentava a cada minuto que passava, e já não sabia mais o que fazer quando, lá fora, escutei o trotar do cavalo que puxava a charrete trazendo o médico e o senhorio.

Rapidamente seu Pedro desceu da carroça e providenciou logo amparo para que o médico, lerdo pela idade avançada, apeasse mais ligeiro. Afoitos, adentraram o quarto, e o esculápio, abrindo a sua antiga maleta, foi logo medindo a pressão arterial com seu velho esfigmômetro, constatando de imediato variações contínuas da pressão arterial. O quadro clínico observado, após alguns exames indicavam um aneurisma cerebral. Dona Anita não resistiu por muito mais tempo, vindo a falecer alguns dias mais tarde.

Depois da morte de dona Anita tudo havia se modificado naquela fazenda. Parecia que ela era a própria vida daquele lugar. Por muito tempo tudo ficou triste e em mais nada se via graça. Era ela quem punha ordem nas coisas, e na grande maioria das vezes determinava o que e como deveriam elas serem feitas.

Seu Pedro, andava muito amuado e se tornou um homem frio, apático. Andava aborrecido e intolerante,

principalmente com Andy, que nos seus irrequietos seis anos e alheia aos problemas que rondavam aquela casa, fazia estrepolias, teimas e gritos de manha, irritando o seu padrinho que andava nervoso pela falta da falecida esposa. E assim as coisas continuavam sem que se pudesse tomar alguma atitude. Não gostava quando ele, zangado, ralhava aos berros com ela ou a surrava como forma de repreendê-la. Simplesmente eu tolerava e tratava logo de apaziguar, acalmando os dois, e com muita pena de Andy, que arregalava os olhinhos assustada e chorosa.

Alguns meses se passaram quando o inevitável, mas previsível, aconteceu.

Ao chegar da cidade, seu Pedro apeou do cavalo e o amarrou na cerca próxima à casa. Em seguida entrou na cozinha onde eu estava providenciando a refeição para o almoço. Parecia cansado e antes de sentar-se à mesa espreguiçou o corpo, esticando-se todo como quem afugenta aquela preguiça matinal. Jogando o seu chapéu de vaqueiro sobre a mesa da saleta contígua, e olhando fixamente para mim, sentou-se vagarosamente e puxou a cadeira ao lado, fazendo-me sinal que viesse e me sentasse junto a ele. Fiz o que me ordenou um pouco amedrontada, nunca o tinha visto assim, tão taciturno. Estava assustada e mil coisas se passavam pela minha cabeça naquele momento, será que ele estaria nos enxotando da fazenda? Meu Deus, seria isso? Começou a falar baixinho e mansamente, explicou-me as razões de sua atitude.

Naquele dia, seu Pedro voltou da cidade com tudo arranjado. Todos os papéis prontos e assinados pelo juizado de menores, que determinava o recolhimento de Andy aos cuidados de uma instituição para menores carentes, que assumiriam a sua guarda até atingir a maioridade, tendo em vista que, sem mãe, não poderia estar sob a tutela de uma outra criança, mesmo que fosse a sua irmã. Quanto a mim, tomou para si a responsabilidade comprometendo-se a

alfabetizar-me na escola da comunidade, mantendo-me na fazenda sob a sua tutela até a minha maioridade.

Ouvi tudo atentamente e com a voz embargada na garganta, foi uma sensação horrível imaginar que estavam querendo me separar de minha irmãzinha querida. Éramos as duas únicas pessoas que restaram da minha família, ademais, eu a amava com todas as forças do meu coração. Nada daquilo que tinha escutado poderia ser verdade. Mal podia acreditar que aquelas palavras estavam vindo do nosso senhorio. Meus pensamentos e minha dor se esvaíam na forma de lágrimas, que vertiam de meus olhos de menina sofrida e cansada, pelas peças que a vida vinha me impondo.

Meu Deus, não me abandone! Que mal lhe fiz para sofrer tantas provações? Implorava para que seu Pedro não a tirasse de mim. Andy era tudo o que tinha, se me separasse dela nada mais restaria. Havia prometido a minha mãe que jamais nos separaríamos. Isso tudo só poderia ser um sonho, não era verdade, não é possível, não poderia ser. Qual juiz do mundo teria o coração tão duro e frio a ponto de separar duas pessoas que se amam?.

Minha voz, que de início sufocou na garganta, agora explodiu num misto de choro, raiva e ódio. Ódio do mundo, do seu Pedro com toda a sua insensibilidade, ódio de mim mesma por não ter a capacidade de sobrevivência e amparo. Lágrimas que não comoveram nem um pouquinho o nosso senhorio, que limitava-se apenas a contemplar o meu desespero.

A vontade que sentia naquele momento era a de fugir dali, gritar bem alto a todos que pudessem me ouvir, suplicando que me deixassem ficar com a minha irmãzinha que tanto adorava. Mas como? Adiantaria?

Levantei-me da cadeira onde estava ao lado do seu Pedro, e saí indignada correndo ter com Andy, que brincava

calmamente com a boneca de pano no nosso quarto. Abracei-a, beijei-a e agarrei-me a ela como se aquele momento fosse o nosso derradeiro adeus. Exausta de tanto chorar, adormeci abraçada firmemente com ela com medo que a roubassem naquele fim de tarde.

Pelo resto do dia passamos trancafiadas no quarto, temendo que a tirassem de mim. Estávamos sem comer o dia todo e Andy começava a ficar impertinente, pedindo-me comida. Esperei a noite chegar para ir até a cozinha apanhar um copo de leite para ela, que depois de tomá-lo, dormiu como um anjinho até o dia amanhecer.

Na manhã seguinte dois homens que se identificaram como oficiais de justiça, traziam um papel na mão que os autorizava a levar Andy. Procuraram pelo seu Pedro que imediatamente bateu à porta do nosso quarto e arrebatou a menina de meus braços. Havia que cumprir a ordem expedida pelo juiz de menores.

O sofrimento pelo qual passei naquele momento, foi maior e mais intenso do que aquele que senti quando da morte do meu pai ou quando do falecimento de minha mãe. A dor que sentia era muito grande e profunda. Uma sensação de vazio no peito sangrava o meu coração de menina.

Andy aos berros, esperneava no colo daqueles dois homens estranhos. Eu fiquei chorando e sem ao menos saber para onde a estavam levando, sem saber se poderia visitá-la e em qual endereço. Arrancaram-na de mim sem o menor constrangimento e em nome da lei e da justiça. Não se importaram se aquela separação poderia causar-nos algum mal.

À medida que a carroça se afastava, nem mesmo a distância encobria os gritos da menina, que ia agarrada à boneca de pano, olhando para trás onde tinha-me deixado.

Esse foi o pior momento da minha vida. Essa separação feriu-me o coração; foi como se tivesse perdido um braço ou uma perna, tamanha a sua importância, tamanho o trauma causado.

Como poderia eu viver agora sem a Andy, sem a sua companhia sem o seu calor? Indagava-me em prantos pelas longas noites frias que se seguiram. A sua ausência parecia uma longa tormenta que me martirizava duplamente. Primeiro, porque havia prometido não me separar dela, e depois, culpava-me por tê-la deixado levar. Mas o que poderia eu ter feito? Se na plenitude de meus quatorze anos, ainda com espírito infantil, mal tinha deixado as bonecas, onde então arranjaría forças para impedir tamanho aviltamento, disparates que foram praticados por seu Pedro? Se ao menos dona Anita estivesse viva, talvez não deixasse que tudo isso acontecesse, ela que sempre me pareceu mais humana, e além do mais, tinha se afeiçoado à menina, e a menina a ela.

Dona Anita gostava de vestir Andy com as roupinhas que para ela sempre comprava, conversavam e brincavam juntas por horas, espalhavam os brinquedos pelo chão do quarto onde habitávamos, nos fundos da casa grande. Assim permaneciam por um longo tempo, até que seu Pedro voltasse da lida, já à tardinha.

Por certo dona Anita seria a mãe que ela não teve. Já seu Pedro mantinha um pouco de distância, parecia que não gostava de crianças, por diversas vezes demonstrou isso. Irritava-se com seu choro, suas manhas e teimosias que o punham nervoso e descontrolado.

Lembro-me de certa vez quando eu e dona Anita conversávamos. Dizia ela que o marido queria muito ter um filho homem que pudesse tocar os negócios da fazenda para frente, mas o destino ironicamente não permitiu. Hoje entendo a razão dos atos disparatados do meu senhorio,

ainda que não lhe dê a razão. Por certo, frustado pela sua incompetência procriativa, descontou em nós, afastando Andy do seu convívio. Mas acho que Deus o castigou deixando-o sozinho neste mundo, curtindo todos os seus pecados.

*** ***

O quarto estava frio. Lá fora um vento soprava fortemente nas paredes do prédio do hospital e adentrava pelas frestas da janela, balançando as cortinas que pendiam do teto. Acabava de sentir um arrepio que me envolvia o corpo inerte, nesta cama que me abrigava. Foi a primeira vez nestes dias todos de internamento, que senti uma reação em meus músculos paralisados. Tive vontade de contar ao médico esta simples reação que me deu novas esperanças de recuperar o meu estado normal. Esforçava-me tentando falar, mas a minha voz não saía.

As lembranças daqueles momentos me emocionaram, sofria só de pensar no dia em que levaram Andy para o orfanato. O arrepio que senti foi da emoção de relembrar aquele dia desesperador.

Meus pensamentos se esvaíam; olhava ao meu redor e nada via, no quarto não tinha mais ninguém, todos saíram. Estava só com a imagem de Cristo na parede. Parecia que o Senhor me olhava com alguma complacência, querendo me dizer algo que não podia entender. Bem sei que não merecia o seu perdão, pela minha conduta na vida pregressa, implorava ao Senhor que abreviasse aquele sofrimento ...

O meu neto entrou no quarto e veio direto à beira da cama; olhou-me com ternura, fez um carinho nas minhas

mãos de maneira sutil e piedosa. Afastou-se devagarinho e sentou-se no sofá, recostando-se no seu espaldar. Concluí que esta noite me faria companhia, deixando sua mãe descansar.

Vinte e oito dias naquele estado desalentador, sem me mexer ou falar, sem ao menos poder dizer a eles que podia ouvi-los, que entendia o que se passava comigo. Isso me deixava muito triste e desalentada, sem esperanças.

A noite ia caindo depressa. Meu neto teria uma longa jornada pela frente, eu sabia o quanto era difícil pernoitar num hospital. As madrugadas tornavam-se demasiadamente longas e o sono entrecortado diversas vezes daria a ele no dia seguinte a sensação de que nem dormiu.

O sonolência se apoderou de mim, estava quase sendo induzida e envolvida por aquelas nuvens brancas, que me levavam à retrospectiva de minha vida passada, quando a porta do quarto abriu-se repentinamente. Era o médico que passava a última visita do dia, para os exames de rotina. Notei no seu semblante que vislumbrou uma pequenina melhora em minhas reações. Ao que parece as pupilas reagiram à luz que projetou nos meus olhos com a sua lanterninha. Comentou esse detalhe com o meu neto, que sorriu renovando as esperanças na minha recuperação.

O doutor saiu do quarto mas deixou prescritas umas recomendações à enfermeira de plantão. Fez alguma anotação no seu receituário, que não pude saber qual era.

Entreguei-me outra vez as minha divagações.

*** **

Passaram-se três meses desde o dia em que levaram Andy. Eu ainda não me conformava com a idéia de estar longe dela. Seu Pedro, sempre que podia, tentava me convencer de que ela estava bem, inclusive muito melhor do que se estivesse ali comigo. Arranjava mil desculpas ou mentiras, sempre que pedia para que me levasse visitá-la. Quando lhe perguntava onde Andy estava internada, respondia-me de maneira evasiva, de maneira que eu não sabia ao certo o paradeiro de minha irmã. A resposta era invariavelmente a mesma: "Ela está bem, você não deve se preocupar com ela".

E assim os dias iam passando, e cada vez mais eu sentia saudades dela. As noites eram de insônia e de tantas lembranças que se avolumavam na minha cabeça.

Arrepiava-me quando pensava que ela pudesse estar passando necessidade ou que alguém a estivesse maltratando. Mas o que me dava um certo alento eram as palavras amigas de seu Pedro, quando dizia-me com tanta certeza que ela estava bem. Ultimamente ele passava a maior parte de seu tempo em casa, deixando a fazenda por conta do capataz. Volta e meia falava na sua esposa falecida, sentia um pouco a sua falta, mas não tanto como no começo, logo após a sua morte.

Estávamos no mês de setembro e as aulas só começariam em março do novo ano. Mesmo assim, seu Pedro, foi falar com a diretora para que eu pudesse me matricular e começar logo o aprendizado. Na verdade eu era nessa época totalmente analfabeta, não sabia ler e nem escrever, falava a língua alemã, e teria que ser alfabetizada desde o "A" até o "Z" na língua portuguesa.

A escola distava três quilômetros da fazenda e atendia a comunidade alemã. A diretora concordou em me dar aulas particulares até o final do ano, preparando-me para que no ano vindouro eu estivesse pronta para acompanhar a

turma, que já estava mais adiantada.

Todos os dias seu Pedro atrelava o cavalo e me levava na garupa para minhas aulas particulares. Na volta, às vezes, ele ia me buscar quando lhe sobrava algum tempo, senão eu voltava a pé, o que atrasava minha chegada em casa. Minhas tarefas domésticas ficavam quase sempre acumuladas, então eu ficava arranjando tudo até altas horas.

Tantas obrigações estavam pondo-me abatida e cansada. Apática, os afazeres não rendiam, e o meu senhorio era sempre implacável, exigente com a limpeza e com a ordem da casa. Irritado, começava a me tratar mau e com certa perversidade. Castigava-me, proibindo-me de ir à escola enquanto a casa não estivesse pronta, bonita e cheirosa.

Quando a noite chegava eu me recolhia ao quarto, exausta de tanto trabalho. Descansava uma ou duas horas antes de começar a estudar. Tinha o firme propósito de ser alguém na vida, e então, poderia ir buscar a minha irmã para morarmos juntas novamente. Seríamos felizes outra vez, num outro lugar qualquer.

E foi numa dessas noites de extremo cansaço pelos afazeres do dia, que me recolhi ao quarto, estirei-me na cama logo após ter retirado todas as minhas roupas, dado ao calor que fazia naquele dia. Depois levantei-me com as forças já refeitas e me postei defronte o espelho, onde minha mãe, vaidosa que era, arranjava-se toda. E foi aí, no mesmo espelho, que me vi uma mulher, vaidosa como minha mãe, e talvez tão bonita como ela era.

Fiquei assim, a mirar-me por um longo tempo, inteiramente nua, a me observar em todos os detalhes, da cabeça aos pés. Peguei a escova que era de minha mãe, e igual a ela comecei a escovar meus longos cabelos claros que desciam até meus ombros. Observei que minha pele era

rosada e aveludada. Meus seios não eram grandes e nem pequenos, mas firmes e empinados. Minha barriga possuía músculos definidos e nenhuma gordura excessiva. Olhei-me de perfil e minhas nádegas estavam volumosas e arredondadas, um pouco arrebitada para cima. Minhas pernas, bem torneadas, estavam firmes e bonitas. E foi assim que me vi mulher pela primeira vez. Assim foi que experimentei a vaidade, agora com meus dezesseis anos, um pouco mais experiente e conhecedora dos percalços da vida. Mas ainda um pouco ingênua, um pouco menina.

Não sei explicar porquê, mas naquele dia estava mais contente do que nos demais. Talvez por ter me reconhecido como mulher e não mais como criança. Sentia uma emoção grande invadir meu peito, fui dormir um sono profundo e acalentador. Sonhei com Andy que já devia estar beirando os seus nove anos de idade. Quantas saudades eu sentia.

Na manhã seguinte, levantei-me cedo, ajeitei-me toda e fui ter com seu Pedro, que já me aguardava na cozinha, onde lhe serviria o café matinal. Conversamos descontraidamente como jamais tínhamos feito. Falei-lhe de minhas lembranças e pedi-lhe que me levasse até a cidade, onde estava Andy, pois queria vê-la. Quase implorei ameaçando chorar, e então seu Pedro prometeu levar-me no dia seguinte. Dei pulos de alegria, e até exorbitei um pouco, quando lhe dei aquele beijo no rosto. Senti que me olhou firmemente da cabeça aos pés.

Cuidei das horas minuto a minuto, que não passavam, ou passavam muito lentamente até anoitecer. Minha euforia era enorme e quase não me continha de tanta satisfação, amanhã seria o grande dia de minha vida, estaria com Andy. Estreitá-la-ia fortemente nos meus braços, e teria o resto do dia para passearmos juntas. Por certo ela teria muitas novidades para me contar. Eu também tinha muito a lhe perguntar, a começar pela maneira como a estavam tratando naquele lugar, se estava gostando, entre tantas

coisas mais que me passavam pela cabeça.

A noite veio lentamente se arrastando pelo dia adentro. Deitei-me na cama e não pude conciliar o sono por mais que tentasse. Rolava de um lado para outro sem que achasse uma acomodação que me pusesse confortável. Queria antecipar tudo, as roupas que vestiria assim que levantasse. Queria estar pronta esperando o seu Pedro acordar. Pensava em tudo, nada poderia sair errado.

Na manhã seguinte o sol nasceu esplendoroso, com seus raios fulgentes esquentando tudo por onde passasse e tocasse. Levantei-me faceira e num segundo estava pronta para seguirmos caminho. Fazia o café da manhã enquanto seu Pedro atrelava o seu cavalo pangaré na charrete.

Assim que terminamos o nosso desjejum, subimos e tomamos assento na boléia da carroça. Seu Pedro pegou as rédeas e com aquele chiado característico nos lábios, balançou-as, sinalizando ao animal a partida que eu tanto esperava.

O caminho era longo e o cavalo trotava numa marcha lenta sem se esforçar. Seu Pedro às vezes me olhava de alto a baixo, sorrindo-me por entre os dentes. E então eu pensava, na minha ingenuidade de menina moça, que talvez ele tivesse notando que eu já estava crescida, e quem sabe pediria ao juiz que eu ficasse com os cuidados de minha irmã. Tomara que fosse isso mesmo, e então eu a traria de volta ainda hoje. Deus, isso poderia dar certo, pensava. O trote do cavalo que puxava a carroça, puxava também minhas esperanças.

Seu Pedro sacolejava de um lado a outro acompanhando o balanço suave da charrete. Nada dizia durante todo o trajeto, limitava-se a fumar o seu cigarro de palha. De quando em quando tirava o chapéu, e enxugava o suor que lhe escorria da testa com a manga da camisa. Fazia

muito calor. Reclinando o corpo um pouco à frente, tirou de baixo da boléia uma sombrinha, que tinha sido de sua esposa. Armou-a e dando-me em seguida para que me protegesse dos raios do sol, que ardiam em minha pele. Seu Pedro era assim, cheio de altos e baixos, que lhe conferiam uma personalidade variável, podendo oscilar de um momento para outro.

Enquanto trilhávamos pelos caminhos desertos, nada mais se ouvia a não ser o trinado dos pássaros que voavam por entre as árvores, que se enfileiravam em ambos os lados da estrada empoeirada.

O trotar do cavalo fazia um somido compassado, e levantava uma pequena nuvem de poeira que nos secava a garganta. Num dado momento, pigarreei na tentativa de limpá-la e chamar a atenção do seu Pedro que estava quieto e taciturno no comando das rédeas que dirigiam o cavalo. Parecia apreensivo.

Olhou-me rapidamente, e então criando coragem perguntei se ainda estava longe, se demoraríamos para chegar, tão ávida estava para ver a minha irmã. Olhou-me outra vez, agora, demoradamente, e então me respondeu com voz ríspida: "Quando chegarmos você verá". O resto da viagem seguiu calado, nenhuma outra palavra foi dita até chegarmos à cidade.

Ao vencermos a última curva da estrada, avistei ao longe as primeiras casas. Minhas esperanças se renovaram. A saudade que sentia da menina Andy fervilhou em minhas veias e ruborizou minha face.

Assim que entramos na cidade seu Pedro dirigiu-se diretamente para o orfanato. Ao chegarmos, o prédio não estava lá, não o achamos, e em seu lugar havia apenas um amontoado de entulhos no terreno. Indagamos o que havia ocorrido a algumas pessoas que por ali passavam, e ficamos

sabendo que o prédio havia se incendiado, já há algum tempo. E quanto às crianças do orfanato, ninguém sabia nos dizer absolutamente nada.

Fiquei chocada com tudo que ouvia, cada pessoa contava uma história diferente. Seu Pedro começava a ficar nervoso com todos aqueles desencontros; alguém teria que saber alguma coisa, nos dar alguma informação mais consistente. Eu comecei a chorar em desespero. Onde estaria a minha irmã? O que teria acontecido com ela? Deus, por quê faz isso comigo? Já não basta tanto sofrimento? Questionava-me baixinho, entre lágrimas e desespero.

Seu Pedro tocou a charrete diretamente para a sede do juizado de menores, onde tempos atrás havia conversado com o juiz a respeito do recolhimento de Andy.

Subimos uma escadaria difícil e fomos ter numa sala ampla, cheia de cadeiras, onde pessoas aguardavam sentadas a hora de sua audiência. Ficamos ali e esperamos a nossa vez por mais de duas horas, quando então o oficial nos chamou.

O juiz que nos atendeu não era o mesmo com quem seu Pedro havia tratado dos papéis anteriormente, tinha morrido há exatos dois meses, e o seu substituto não possuía documentação nenhuma referente ao orfanato ou às crianças órfãs, pois toda a documentação queimou-se juntamente com o prédio.

O novo juiz tinha conhecimento de que o sinistro causou algumas mortes, porém não podia precisar quais eram as pessoas envolvidas. Informou ainda que todas as crianças sobreviventes foram distribuídas em vários outros educandários na cidade, e até em outros Estados vizinhos. As listas, juntamente com os sobreviventes, seguiram para diversos destinos.

A situação em que me encontrava era desesperadora. Inconformada com tudo que acabava de ouvir do próprio juiz, pus-me a chorar de maneira descontrolada e, no desespero que se apoderou de minha razão, comecei a gritar, culpando seu Pedro por toda essa ocorrência. Se não fosse por ele ter me afastado de minha irmãzinha, poderíamos ainda estar juntas e felizes. E agora? Onde estaria Andy? Qual teria sido o seu destino? Estaria morta? Estaria viva? Questionava-me em prantos, numa desvaria total. Não podia controlar meus sentimentos pois não aceitava a idéia de que Andy estivesse morta. A emoção foi tão forte naquele momento que se sobrepôs à razão, dominando-me completamente.

Minha vontade era a de matar seu Pedro ali mesmo, no juizado de menores, na frente do juiz; minha compulsão foi dominada pelos oficiais de justiça que me seguravam, procurando acalmar-me aos poucos. Recolheram-me ao departamento médico e deram-me para tomar algum remédio do tipo calmante, que me deixou mais tranqüila e menos agressiva.

Não tardou e seu Pedro entrou no ambulatório onde eu estava repousando, com a notícia de que o juiz expediu um mandado de busca para localizar o paradeiro de Andy.

Aquela informação reacendeu a esperança de vê-la muito breve. Seu Pedro comprometeu-se comigo de sempre estar acompanhando o caso e me transmitindo tudo o que fossem descobrindo a respeito do paradeiro de Andy. Semanalmente iria à cidade e falaria pessoalmente com o juiz, que me pareceu uma pessoa simples e boa, com certeza não estaria apenas tentando prolongar aquela história, abafar com panos quentes.

Seu Pedro me pareceu, naquele momento de intensa angústia, um companheiro em quem podia confiar, pelo amparo que me deu, apoiando-me e tratando-me com

carinho e compreensão, coisas que eu mais precisava naquele instante de desespero em que me achava.

Ainda sob o efeito dos tranqüilizantes que me punham sonolenta, voltamos à fazenda no mesmo dia. A volta não foi tão alegre como quando viemos à cidade. Os pensamentos agora eram de incertezas. Pensava porquê o destino tinha sido tão cruel comigo. Porquê Deus havia me abandonado a tão triste sorte, deixando-me sozinha neste mundo. Primeiro privou-me de meu pai, que teve um triste fim; depois levou minha mãe numa morte horrível e cheia de dores, quando sua vida se exauria aos poucos numa tortura onde, contemplativa, nada podia fazer para minorar o seu sofrimento.

Logo após a morte de minha mãe, sobreveio outra perda irreparável. Foi quando dona Anita faleceu, justamente no momento em que se afeiçoava a Andy e nos tornávamos amigas. Se ela estivesse viva nada disso teria acontecido, pensava enquanto percorríamos o mesmo trajeto de volta à fazenda.

Seu Pedro estava calado o tempo todo; e até o pangaré tinha nos seus trotes um ar de tristeza, talvez cansado por fazer o mesmo caminho duas vezes no mesmo dia; cena que se repetia pelo menos uma vez por semana, ao longo de muitos anos.

Vez por outra eu olhava para seu Pedro, que me retribuía o olhar com um pequeno sorriso. Sua fisionomia parecia fria, e então eu pensava que poderia ser remorso pelo que tinham feito com a minha irmã. A personalidade dele era profundamente variável durante as vinte e quatro horas do dia, de sorte que nunca se sabia ao certo o que estava pensando ou qual seria a sua próxima atitude. Mas de uma coisa eu tinha muita certeza, ele não era um homem muito confiável, dada a esta instabilidade de gênio.

Assim que chegamos, corri para o meu quarto estirando-me na cama, tamanho o cansaço que sentia. Adormeci rapidamente, entregando-me a um sono pouco profundo; vez por outra despertava em sobressaltos, mas só acordei no dia seguinte bem cedo, para os meus afazeres na casa grande.

*** ***

O dia amanheceu. A noite não foi muito tranqüila para meu neto, que acordou várias vezes e se levantou a cada instante, demonstrando um desvelo e cuidado que poucos tem com as suas avós. Tive sorte com minha família, todos me amavam e sofriam porque eu estava naquele leito de hospital. Todo esse amor me fazia muito bem.

Via o meu neto se aprontando para deixar o hospital. Dali a pouco sua mãe viria e então estaria em minha companhia pelo resto do dia.

Naquela manhã sentia-me bem melhor. Minhas esperanças se renovaram, apesar de não acreditar que pudesse livrar-me totalmente daquela incômoda situação. Estar em coma profundo significava que, na melhor das hipóteses, se sarasse, ficaria com alguma seqüela, mas isso não teria a menor importância. Já tendo vivido oitenta e sete anos, gostaria de continuar com um pouco mais de vida, mesmo com algum defeito secundário, para poder acompanhar a formação do meu neto, que era a minha vida, a continuidade e o futuro.

Alguém bateu à porta. Era a minha filha que chegava para substituir o meu neto que iria para casa descansar um pouco mais, refazer as forças e o sono. Ao entrar foi logo

abraçando o filho, vindo em seguida até a minha cama, acariciando-me o braço e beijando-me na testa com muito carinho. Podia sentir o seu amor pelo calor que me passava e pela empatia que seus olhos piedosos me transmitiam. Foi nesse estado de espírito que senti que me identificava com ela, presumindo que ela também sentia o que se passava dentro de minha alma. Minha vontade era a de chorar, pelo menos umedecer as pálpebras com a seiva última da minha vida, para que pudesse lhe dizer o quanto estava gratificada por tanto amor que recebia. Fiz alguma força e, de repente, chamei as lágrimas que marejavam meus olhos.

E então um grito escapou do peito de minha filha, que notou através da lágrima que eu tinha emoções e que podia perceber, com muita sensibilidade, tudo o que se passava naquele quarto. Aquela foi a primeira vez que consegui manter contato com ela.

Mais tarde, quando o médico fazia os exames de rotina, minha filha contou-lhe que eu havia chorado. Reacendeu dentro de mim e de todos uma expectativa de melhoria do meu estado geral. Novos exames foram feitos e os resultados foram animadores.

Estava exausta de tanto andar pelos corredores do hospital, com aquela padiola rolante, com braços laterais, empurrada por enfermeiros, entrando e saindo de salas de exames. Quando voltei ao quarto, os olhares, tanto da minha filha como das visitas, resplandeciam num misto de alegria, curiosidade, e avidez em torno do resultado. Os enfermeiros nada diziam, tínhamos que aguardar o médico tirar as conclusões e emitir o laudo.

Assim que me devolveram ao leito, adormeci e me transportei novamente a épocas passadas, num tempo que não queria mais que voltasse, pois as lembranças que se reavivavam na minha memória faziam parte de um passado distante. Não podia evitar de pensar nele, era algo que não

conseguia refrear, eram divagações, reflexões que me afloravam à mente de maneira instintiva, parecendo que fazia parte do processo comatoso. Era como se estivesse passando a vida a limpo para expiar a existência, purificando alma. Seria este um processo natural que antecederia a morte, quem sabe?

*** ***

Eram sete horas da manhã quando seu Pedro entrou na cozinha para tomar o café, que já estava pronto e quente à beira do fogão a lenha. Sentado à mesa, enquanto tomava o lanche permanecia calado, mas olhava-me da cabeça aos pés, muito raramente sorria.

Ao terminar de comer, perguntou-me se iria à escola, marcamos, então, o horário em que ele viria me buscar; em seguida pegou o seu chapéu e saiu para o campo verificar como estava o gado. Eu fiquei por mais algum tempo ali, recostada à parede do lado do fogão, distraíndo-me com o borbulhar da água que fervia na panela e soltava aquela fumacinha de vapor.

Pensava em tantas coisas que fervilhavam na minha cabeça, ora pensamentos bons, ora pensamentos maus com relação à Andy. Nada me satisfazia e a minha vontade agora era de ir sozinha procurar por ela, estivesse onde estivesse. Não poderia ficar sem saber ao menos o seu paradeiro, o que lhe havia ao certo acontecido. Mas como faria isso sem dinheiro? Restava-me somente a esperança de que algum dia o juiz mandasse seus homens entregar-me, novamente em meus braços, a menina Andy, sã e salva, linda e risonha. E então a felicidade reinaria em nossos corações.

O tempo corria depressa, os números do calendário se sucediam um atrás do outro. Meses se passavam sem que notícias tivesse da menina. Minhas esperanças já começavam a se desvanecer. A imagem que tinha dela era aquela de quando tinha seis anos de idade. Indagava-me como estaria agora aos oito anos, já meninota e linda. Sim, eu a imaginava assim, recusava-me pensar que estivesse morta.

Dois longos anos foram transcorridos desde o dia que levaram Andy. Eu já contava com dezoito anos e também me transformava a cada dia que passava. Mais experiente, mais vaidosa, a exemplo de minha mãe.

Começava agora a exigir um pouco mais da vida. Merecia algo melhor que estar ali naquela fazenda, cuidando de ordenhar as vacas, da limpeza da casa grande, do almoço, do café, das roupas, entre tantas coisas mais.

Sentia-me bela, e me imaginava dentro de lindas roupas e com anéis a enfeitar meus dedos; aspirava a uma vida diferente daquela que estava levando naquela fazenda. É claro que estava agradecida pelo amparo que seu Pedro nos deu, mas aquilo somente não satisfazia os meus anseios de uma vida melhor.

E dentro dessa vaidade, espelhava-me e via os contornos de meu corpo jovem aos poucos tomarem a forma de uma verdadeira mulher. Não poderia deixar os trabalhos extenuantes que executava no dia-a-dia agredirem uma beleza que mal acabou de nascer. Minha mãe era extremamente faceira, e este lado herdei dela.

Todas as noites antes de dormir, pensava em dar um novo rumo a minha vida, conhecer gente diferente, pessoas que cresciam em conhecimento e sabedoria, como as belas moças da cidade que sempre estavam lindas, bem vestidas e cheirosas.

Tudo isso me parecia um sonho que jamais se concretizaria. Estava tão longe que mal podia acreditar ou me imaginar assim. Mas mantinha ainda algumas esperanças que me confortavam.

Exatamente no horário que combinamos seu Pedro veio me buscar, assim que terminou a inspeção que sempre fazia na fazenda, para levar-me à escola. Agora estava adiantada e já sabia ler e escrever na língua da terra. Eu ainda carecia de mais ensinamentos, meu sotaque estava um pouco carregado, mas logo, pelos esforços que fazia, provavelmente o deixaria de lado. Era uma questão de tempo.

Sempre que íamos à escola, seu Pedro encilhava o cavalo pangaré para montaria, e não o atrelava na charrete, o que lhe dava mais trabalho. Assim, eu ia montada na garupa, segurando na cintura dele, que comandava as rédeas do cavalo pela picada afora. Meus seios roçavam as suas costas e eu sentia alguma coisa estranha, como se uma metamorfose modificasse todo o meu corpo. Um calor subia-me pela cabeça deixando-me com uma sensação de bem estar e muita leveza. Sentia que o corpo de seu Pedro aos poucos ia experimentando um calor que também aumentava e o deixava um pouco irrequieto.

Assim fomos até chegar à escola. Apeei do cavalo e corri para a sala, a aula já havia começado. Na volta, fiz todo o caminho pé, agarrada aos livros e cadernos. À medida que andava, soltava meus pensamentos livremente. Concluí que a sensação que ainda há pouco sentia era fruto de meu amadurecimento, estava crescida e tudo aquilo era normal e fazia parte da evolução que meu corpo teve. Agora eu era uma moça, sensível como as outras.

Meus pensamentos se avolumavam cada vez mais, e reconhecia que, se aquele sentimento era verdadeiro, por outro lado não era certo senti-lo com seu Pedro, que estava

sendo um pai para mim. Aquilo não podia mais continuar, tinha que dar um basta antes que as coisas ficassem mais sérias, então a solução seria não ir mais à escola montada na garupa do cavalo; só assim evitaria esfregar meus seios em suas costas, o que poderia deixá-lo excitado também, com conseqüências imprevisíveis.

Quando cheguei em casa a noite já escurecia o céu. Cansada, fui direto para o quarto, onde, como sempre fazia, despia-me e estirava-me na cama até relaxar todos os meus músculos. Depois, detive-me na frente do espelho, procurando ver meu corpo por inteiro, que ainda sofregava as emoções vividas.

Como já era tarde, seu Pedro foi até meu quarto para verificar se eu já havia chegado da escola. Com a porta semi-aberta, viu quando eu estava nua em frente ao espelho, observando o meu corpo e fazendo trejeitos sensuais. Ficou parado por um tempo a me fitar da cabeça aos pés sem que eu percebesse. Verificou, com todas as letras, que ali estava uma mulher perfeitamente formada.

Quando me dei conta que ele observava os gestos que eu fazia, gritei e corri fechando a porta, num só empurrão. Depois disso não nos vimos mais naquela noite.

Levantei-me bem cedo e fui para a cozinha fazer o café, como sempre. Não demorou e seu Pedro chegou, olhou para mim e sorriu, coisa que nem sempre acontecia. Senti um vermelhão subir-me à cabeça, era a vergonha pela noite anterior que me aflorava à pele. Baixei os olhos e servi-lhe o café. Em seguida procurei outros afazeres, longe dali, só para não encará-lo.

Enquanto eu limpava a sala da casa grande, mil pensamentos eróticos passavam-me pela cabeça. Alguns me arrepiavam pelo realismo como me chegavam à mente. Era como se estivesse vivendo o momento.

Como nunca havia saído da fazenda, eu era até certo ponto ingênua, mas sentia que a necessidade fisiológica aflorava-me à pele, alguma coisa se passava internamente pondo-me sôfrega e palpitante.

No íntimo eu gostava quando o seu Pedro me olhava daquele jeito, penetrava-me com os olhos de alto a baixo. Sentia que não me via com as roupas, mas através delas, e isso me punha um pouco inquieta e excitada, o meu corpo ardia, meu sangue corria mais quente nas veias.

Era um homem razoavelmente bonito, ainda jovem, talvez o mais bonito da redondeza. Tinha alguns encantos que me atraíam, como o seu porte físico e o seu jeito duro de ser, mas por certo isso não deveria influenciar no nosso relacionamento diário, pensava enquanto varria o chão empoeirado daquela sala.

O destino às vezes colabora para que certas coisas que acontecem em nossas vidas sejam abreviadas. E foi numa dessas ocasiões, quando por uma noite mal dormida, perdi a hora de me levantar. Seu Pedro veio até o meu quarto, dada a minha ausência na cozinha para o café da manhã. Estranhou, pois isso nunca havia acontecido.

A porta, semi-aberta, deixava ver o interior do quarto, onde sobre a cama eu ainda dormia. Apenas um lençol cobria o meu corpo desnudo. Aproximou-se devagarinho e por um bom tempo ficou a me olhar. Procurou acordar-me passando a mão em meus cabelos e sussurrando baixinho o meu nome ao pé do ouvido. Dizia de maneira meiga: "Acorde, Astrid ...acorde. Você está bem?" Acordei, mas fingi que ainda dormia. Fiquei excitada esperando que ele fosse um pouco mais além, ousado, agressivo, determinado. E foi.

Sem pressa, silenciosamente, foi levantando o lençol que me cobria parcialmente, deixando transparecer meu

corpo nu. E então, dissimulando um sobressalto, como quem acaba de acordar assustada, puxei o lençol procurando cobrir-me novamente. Por instantes ficamos ambos silentes. Aos poucos fomos nos aproximando, nossas respirações tornavam-se intermitentes, nossos hálitos quentes culminaram num prolongado beijo ardente. De súbito, procurei interromper aquele êxtase momentâneo, que me levava a perder a cabeça. Corri para um canto do quarto e pedi para que saísse, fingindo-me nervosa e como quem não gostou.

Felizmente naquele dia não o vi mais. Deixou o quarto pisando firme e foi diretamente para o campo verificar os trabalhos dos colonos. Fiquei apreensiva, ruborizada pelo sangue que me subiu à cabeça. Agora já conhecia, sabia das reações físicas, dos sentimentos de uma mulher, e a atração exercida por um homem. Isso tudo se misturava dentro de mim, levando-me a um estado de excitação, onde meu coração batendo forte dentro do peito, embaralhava-me os sentidos.

Durante todo o dia fiquei sozinha na casa grande. Pensava em como seu Pedro encararia toda esta situação, provavelmente iria me mandar embora da fazenda. Viria à tarde com aquele seu jeito sisudo e mandão, jogaria o seu chapéu sobre a mesa da sala contígua à cozinha e depois me despacharia, sabe Deus para onde. Sem rumo, sem dinheiro, por certo morreria de fome num canto qualquer. Arrepiava-me só de pensar nisso. Nesse instante, arrependi-me de tê-lo rejeitado.

À tardinha escutei quando seu Pedro chegou do campo para o jantar. Aproximei-me da janela da sala e, com uma das mãos, afastei a cortina o suficiente para espiá-lo. Não me parecia zangado, não vi em seu rosto aquela expressão dura e fria que sempre tinha quando estava nervoso.

Vagarosamente repus a cortina no lugar, de maneira que ele não pudesse desconfiar que estivesse sendo sondado. Antes mesmo que entrasse, eu já tinha deixado pronta a mesa, e o jantar estava quente nas panelas em cima do fogão; dessa maneira, corri para o quarto antes de nos encontrar. Tranquei a porta e deitei. Recolhi-me aos meus mais íntimos pensamentos. Na verdade eu estava confusa, com medo e ansiosa para que tudo acontecesse novamente. No íntimo torcia por isso.

Eram dez horas da noite quando escutei umas leves batidinhas na porta do meu quarto. Lá fora, a noite escura penetrava pela janela, escurecendo todo o ambiente. Continuava deitada sem poder dormir. Novamente outros toques suaves na porta, seguido de meu nome: " Astrid, abra a porta ... precisamos conversar ... não tenha medo ... vamos, abra. "

A cada toque sentia meu coração explodir. Não sabia se de medo ou de prazer, só sabia que aquilo tudo que estava se passando ali me punha às raias da loucura. Indecisa, relutava em atender. Meus anseios impulsionavam-me àquele pedido veemente, mas meus escrúpulos me refreavam.

Foi um momento difícil. Quando já estava decidida a receber seu Pedro, notei que não mais batia à porta. Fiquei imóvel por alguns instantes, contive a respiração, refreei meus impulsos. Aguardei mais alguns instantes e, então, resolvi abrir a porta devagarinho para me certificar se ele tinha ido embora. Ledo engano. Estava ali bem na frente. Ludibriou-me com seu silêncio.

Ambos ficamos paralisados por algum tempo. Foi como se ele não esperasse que eu lhe abrisse a porta. Aconteceu como se eu não contasse com a sua presença ali. Tudo se passou como se as contingências nos houvessem abalado pelo elemento surpresa e realismo. Agora

estávamos frente a frente, estagnados e impacientes.

Aos poucos fomos nos refazendo de tamanha emoção. Seu Pedro sem dizer uma só palavra, deu dois passos e traspassou a barreira que nos separava – a porta. Pegou-me pelos braços e trouxe-me até bem próximo de seu corpo. Olhou profundamente em meus olhos, que faiscavam num misto de medo e prazer. A volúpia se apoderava de todo o meu ser, que tremia e ardia como fogo, arrebatava-me da realidade cotidiana e projetava-me no mundo de sonhos e fantasias. Meu corpo flutuava, divagava universo a dentro. Sentia-me feliz por estar possuída pelo desejo incontido e embutido naquela cena de inúmeras quimeras, encantamentos e sonhos, que até momentos atrás parecia impossível de se realizar.

Ao meu redor, naquele pequeno quarto que nos mantinha em absoluto isolamento, eu nada mais via, era a plenitude que se aproximava de seu início. Sim, era a apoteose que se vislumbrava, o começo da deificação, onde me tornaria verdadeiramente uma mulher.

Estreitou-me um pouco mais junto de seu corpo, que também vibrava e se entregava ao desejo eterno e vibrante. Via em seus olhos o brilho fulminante dos felinos que penetrava fundo nos meus, de forma animalesca, bruta e afoita, demonstrando toda a sua voracidade.

Nossos hálitos quentes e úmidos, trocavam nossos desejos cada vez mais incontidos. Todo o desejo voraz de minha primeira experiência estava ali, prestes a se sublimar nos atos inconseqüentes que se seguiriam.

Nossas bocas se uniram através de nossos lábios. Nossas línguas roçavam-se úmidas e trocavam as energias que moviam os instintos animalescos que nos levavam para bem longe. Momentaneamente, a nossa volta, o mundo todo parou rendendo-nos homenagem, em respeito ao total

arrebatamento no qual nos encontrávamos naquele sublime momento.

Minhas forças devagarinho enfraqueciam as ações, e mais e mais eu me entregava sôfrega aos carinhos do amante fervoroso. Arrastou-me até a cama, ainda com nossos lábios unidos. Lentamente tirou a roupa deixando à mostra todo um corpo estruturado e musculoso. Despiu-me lentamente, e com muito carinho acariciava a minha pele, que transpirava um desejo sem fim. Sentia o cheiro de meu cabelo que lhe roçava o peito ansioso e pulsante.

Com mãos calorosas, vivazes e zelosas, acariciava-me o corpo em toda a sua extensão, pondo-me em desvario quando tocava-me nos seios, que entumeciam trementes ao tato erógeno do amante hábil.

Nossas vozes, cada vez mais sibilantes, sufocavam na garganta e explodiam de repente, num gemido profundo e rouco.

Penetrou-me fundo e, até que pelos movimentos cadenciados, nossos gritos ecoaram etéreo pelas veias, onde percorria o nosso sangue fervente. Era o ápice de nossa conjunção.

Um relaxamento divinal envolveu não só os nossos corpos ainda trementes, como nos arremeteu a uma sensação pura e gratificante, no mais íntimo sentimento da vida. Era como se divagássemos pela imensidão do cosmo, passássemos pelas estrelas e falássemos com os anjos lá no céu distante.

Exausta, adormeci entrelaçada pelos braços fortes do homem que me fez conhecer o recôndito do prazer maior.

*** ***

Os pensamentos e as reflexões que tive me puseram nervosa, não sei se por remorso ou pela excitação de tê-los reavivados.

Meus olhos enxergavam naquele instante, as imagens do quarto do hospital, onde eu vegetava por trinta dias consecutivos. Estava exausta, mas tinha ainda um resquício de esperança, pois sentia que minhas forças devagarinho me mantinham viva.

Via tanta gente a minha volta, vozes se confundiam e me deixavam atordoada. Tinha vontade de gritar bem alto para que fizessem silêncio, precisava descansar. Lembrei-me de que domingo era dia de visita. Ao meu redor, gente que nem conhecia estava ali a comentar casos parecidos com o meu, que se estenderam por mais de seis meses, culminando com a morte após tanto sofrimento. Eram pessoas inescrupulosas que falavam o que bem entendiam, sem saber bem do que falavam. Eram curiosos que vinham ou para ver se eu já havia morrido, ou em busca de algo para comentar depois. Os médicos deveriam proibir visitantes dessa espécie de gente inconseqüente nos seus comentários, induzindo os pacientes a perderem as esperanças.

Escutei minha filha tentando desviar o rumo daquela conversa, mas sem sucesso; a matraca não parava, e continuava a demonstrar toda a sua ignorância. De repente, meu neto pediu que fizessem silêncio, que falassem mais baixo, lembrando-os que estávamos num hospital e não num lugar de recreação. Achei que ele agiu bem, sua atitude foi boa, embora um pouco rude.

O médico entrou e felizmente solicitou às pessoas que saíssem do quarto para poder me examinar mais à vontade. Olhou o resultado da tomografia do meu cérebro que havia solicitado dias antes. Sorriu um sorriso

gratificante, e eu deduzi que alguma melhora ele viu. Chamou minha filha e meu neto, e explicou-lhes alguma coisa que não entendi bem. Eles sorriram também, sinal de evolução no meu estado clínico. Em seguida, o doutor descobriu-me um dos pés e fez-me cócegas na base plantar. Eu as senti, e com um esforço tremendo consegui mexer alguns dedos com um pequeno movimento, Vi nos olhos do doutor toda a satisfação que ele sentiu. Pena que ele não pôde ver nos meus a alegria que me envolveu também.

Olhei para a imagem do Cristo e agradei pela sua infinita bondade, pela possibilidade de minha melhora, ainda que pequena e lenta. Prometi-lhe neste momento, com o mais puro sentimento, que se saísse do coma, desta situação que me punha imóvel, escreveria minhas memórias com todas as letras, com seus altos e baixos, com as vicissitudes, e depois, lhe entregaria a minha vida para descansar em paz, no momento que ele quisesse.

O doutor acabou de sair deixando a meu lado apenas minha filha e meu neto. Ambos ladearam o meu leito e me acariciaram com muito amor e fé. Deixei-me estar, como se levitasse no leito, e tomada pela exaustão das energias, aprofundei-me outra vez nas reversões, que há pouco interrompi. Este estado me permitiu reviver momentos passados e me renovou as forças e a vontade de viver.

*** ***

Lá fora o dia clareou depressa com o sol iluminando toda a fazenda, dando vida à plantação e aos animais que pastavam nos campos verdes. Acordei assustada quando seus raios entravam pela janela do quarto que se achava semi-aberta. Vi que seu Pedro não mais estava ao meu lado, no leito que nos abrigava ainda há pouco, no transcorrer da noite. Refletia solitária sobre toda a exuberância daquele ato impensado e incontido, que me permitiu reconhecer uma paixão alucinante e momentânea.

Eu sentia ainda os prazeres remanescentes dos últimos instantes, que se desvaneciam pouco a pouco, mas que ainda percorriam-me as entranhas arrepiando-me toda.

Pensava como seria daqui para a frente, e como deveria ser o meu relacionamento com seu Pedro. Questionava-me sobre tudo o que havia acontecido entre nós, e penitenciava-me como se tivéssemos feito coisas proibidas. Um turbilhão de sonhos turvava-me o cérebro de menina moça, afinal estava com apenas dezoito anos de idade. O que diria minha mãe se me visse entregando o corpo a um homem que já foi casado, e ainda mais velho do que eu? Indagava-me temerosa, como se mamãe ainda estivesse viva para censurar-me.

Tudo assustava-me agora. Mas em momento nenhum sentia-me arrependida, antes pelo contrário. Seu Pedro era um homem maravilhoso, um amante conhecedor de todas as habilidades sexuais. Carinhoso, como jamais se podia imaginar quem dele fizesse juízo apenas pela sua imagem grotesca de homem do campo.

Levantei da cama e postei-me imediatamente na frente do espelho, passando em revista todo o meu corpo. Via-me diferente. Mais mulher, mais segura de meus atos. Achava-me mais bela e mais sedutora. Enfim, estava feliz como nunca estive antes.

E foi somente na hora do almoço que eu e seu Pedro nos encontramos. Olhou-me de maneira diferente. Seus olhos me transmitiam muito mais ternura, e sua voz estava muito mais branda que antes. Olhei-o também da mesma maneira, procurando retribuir com meiguice, e desta vez não baixei os olhos com vergonha do que fizemos. Havia de encarar os fatos e suas conseqüências, afinal, o que aconteceu entre nós foi um ato comum entre um homem e uma mulher. Uma atração irresistível que culminou numa

explosão sexual, cheia de encantos e prazeres intermináveis.

Servi o almoço colocando-o na mesa sem dizer palavra alguma. Seu Pedro estava quieto, mas seu silêncio não o impedia de me olhar com o mesmo olhar de ternura de agora a pouco. De repente convidou-me para sentar à mesa, onde juntos faríamos a refeição. Recusei-me. Não sei se por vergonha ou respeito ao senhorio. Insistiu novamente, e então, nos sentamos pela primeira vez partilhando o almoço.

Nenhum outro ruído se ouvia enquanto comíamos, a não ser o tilintar dos garfos arrastando-se sobre os pratos. Terminamos a refeição calados. E assim, seu Pedro, rompendo aquele silêncio sepulcral, e com voz a princípio claudicante, começou a falar sobre a noite passada. Senti um medo arrepiar-me a espinha, e de imediato veio-me à cabeça que ele poderia estar, no momento seguinte, mandando-me embora da fazenda. Isso era o que eu mais temia naquele momento.

Continuou falando com os olhos fixos nos meus. O brilho daquele olhar me fulminava. Estava apreensiva com o desfecho daquela história. Mas qual a minha surpresa quando, finalmente, deixou claro que estava gostando de mim e queria que vivêssemos juntos por um período; se desse certo, poderíamos nos casar dentro de pouco tempo.

Fiquei aturdida por um momento, a surpresa tolheu-me a iniciativa e emudeceu a minha voz. A emoção tomou conta da minha razão, e nem sabia o que responder. Equilibrados os ânimos, comecei a chorar lágrimas profusas de felicidade. Por que não aceitar? Afinal, seu Pedro sempre foi bom comigo, amparou-nos nos momentos em que mais precisávamos dele, deu-nos guarida e trabalho. É claro que aceitaria aquele convite. Enxuguei as lágrimas e meneei a cabeça concordando, mas com uma condição,- a de ir em busca de minha irmã Andy. Assentiu imediatamente. Contento, atirei-me em seus braços, que me acolheram com

determinação. Acho que fui um pouco infantil naquele instante.

A partir desse momento passamos a viver maritalmente. Mudei as minhas coisas para a casa grande. Alojei-me no quarto que tinha sido de dona Anita. De início fiquei um pouco constrangida, mas aos poucos fui me acostumando. Ela haveria de entender toda essa reviravolta em nossas vidas. Assim quis o destino, assim fizemos nós.

Algum tempo depois, eu e seu Pedro, fomos até a cidade em busca do paradeiro de minha irmã Andy, cumprindo assim o que ele me havia prometido. Durante a viagem, pediu-me que não o chamasse mais de "seu" Pedro, pois estávamos juntos e isso não nos convinha, Tinha que chamá-lo, então, de Pedro, simplesmente Pedro, mas eu não me acertava com isso, sempre me engasgava e no final da história acabávamos rindo.

Andy continuava a me fazer muita falta e eu não descansaria enquanto não tivesse notícias dela. Percorremos todos os orfanatos da cidade e em todos eles a resposta era sempre a mesma: "Não temos nenhuma criança aqui com este nome". Voltávamos para casa com uma tristeza que me enlutava o coração.

Por diversas vezes voltamos a procurá-la, sem que lográssemos êxito em nossas buscas. Onde estaria a minha querida irmãzinha?

O tempo passava e nunca afastei Andy de meu coração, rezava para que Deus a protegesse dos males desta vida, e que me ajudasse a encontrá-la, pois somente juntas é que eu seria uma mulher totalmente feliz. Quando a levaram da fazenda contava apenas com seis anos de idade, e hoje devia estar linda nos seus dez. Deus! Daria tudo para tê-la de volta. Não desistiria de encontrá-la, iria até o fim do mundo se assim fosse necessário.

Pedro me dava uma força grande no sentido de encontrá-la, levava-me à cidade quantas vezes eu quisesse, apoiando-me tanto nas ações que empreendia quanto no aspecto psicológico. Conversávamos longas horas sobre esse assunto, chegando a confessar-me que havia se arrependido de ter encaminhado Andy à guarda daquele orfanato.

Havia a possibilidade de a menina ter morrido quando o velho prédio ardeu em fogo, ruindo sobre várias pessoas, conforme nos explicou o juiz naquela ocasião. Essa possibilidade existia, mas eu nunca concordei com ela, e por essa razão é que Pedro sempre me aconselhava a esperar o pior, para eu não sofrer muito com a veracidade dos fatos. Tinha que estar preparada, embora não aceitasse essa idéia reconhecia a sua possibilidade.

O tempo foi passando e Pedro sempre protelava o nosso casamento. Estávamos convivendo há exatos oito anos. Sempre adiava por uma ou outra razão que não me convinha, ora porque as vendas dos laticínios fabricados na comunidade não estavam vendendo bem, ora porque as vacas tinham diminuído a produção de leite. Com uma desculpa atrás da outra o tempo foi passando, e eu não aceitava mais os seus argumentos. Estava ficando insatisfeita e braba com ele.

Naquele dia, quando Pedro voltou da cidade, eu completava vinte e seis anos de idade. Trouxe-me um presente de aniversário, e juntamente com ele veio a melhor notícia que podia ter.

O juiz avisou-nos que havia a possibilidade de Andy estar num convento na capital, e não num orfanato. As descrições da menina eram mais ou menos iguais a que lhe demos. No dia seguinte, bem cedinho, levantamos e saímos à procura do convento, no endereço que nos foi dado. Eu nem me continha de tanta alegria. Depois de tantos anos

veria Andy.

Durante todo o caminho eu fazia as contas da idade dela. Andy era sete anos mais nova que eu, então estaria agora com dezoito anos. Eu a imaginava bela, com uma pele clara contrastando com suas vestes de freira, estaria linda como sempre a desejei ver.

Assim que paramos na frente do convento, mal me continha na ânsia de vê-la logo. Batemos na portaria e de imediato nos atendeu a madre superiora. Conversamos, ela procurou Andy pelas fichas das crianças que vieram transferidas dos orfanatos por opção ou vocação, mas seu nome não foi encontrado. Insistimos para que verificasse outra vez, e assim, viu tudo novamente sem êxito. Então, inconformada, passei a descrever todas as características de Andy, dei ênfase à boneca "minha menina" que sempre a acompanhava, fosse onde fosse.

A madre superiora reconhecendo esse detalhe que já tinha chamado a sua atenção tempos atrás, reavivou a memória, buscou a fotografia que correspondia à descrição. Lá estava ela, reconheci de imediato o seu rostinho meigo, com seus sete aninhos, agarrada à boneca. Na sua ficha havia um erro de escrita que impossibilitava identificá-la, ao invés de Andy, escreveram Sandy.

Meus olhos se arregalaram e mal podia me conter de tanta satisfação; ali estava, finalmente, a minha irmãzinha. Mas a alegria durou pouco. Fomos informados que Andy, assim que atingiu a maioridade, optou por deixar o convento.

Voltamos, eu e Pedro, desiludidos, sem nenhuma possibilidade de encontrá-la nesta imensa cidade. Concluímos que se durante as buscas que fizemos nos orfanatos tivéssemos dado o nome Sandy, por certo já a teríamos encontrado. Mas uma força me consolava, ela

estava viva. E um dia ainda nos encontraríamos. Eu tinha convicção disso.

Minha vida com Pedro continuava numa rotina que me deixava às vezes irrequieta. Nossa diferença de idade provocava constantemente desentendimentos, divergências de opiniões que sempre culminavam em discussões. Nem eu e nem ele estávamos contentes com as coisas do jeito que andavam.

Aquele encantamento inicial que nos arrebatou, devagarinho foi se desfazendo, de maneira que a cada dia que passava íamos nos afastando um do outro.

Nenhuma das promessas que me havia feito naquela ocasião foram cumpridas. Nem nos casamos afinal, e isso me deixava sem nenhuma segurança, não era mais menina como outrora e todas aquelas ilusões estavam se acabando.

Pensava em dar um novo rumo a minha vida. Quem sabe se saindo da fazenda conseguiria um lugar melhor na cidade. Curitiba estava crescendo e havia muitas oportunidades de trabalho, onde eu pudesse ganhar o meu sustento. Já estava cansada daquela vida na fazenda, onde além de cuidar da casa grande, ordenhava as vacas, fazia laticínios para vendê-los na feira. Além disso, tinha as roupas dos colonos solteiros e também as de Pedro para cuidar.

Começava a me cansar de tudo aquilo. Não que estivesse arrependida de ter-me tornado a companheira de Pedro, mas preocupava-me a falta de perspectiva de futuro. Assim começava a pensar diferente dos tempos de minha puberdade. Nossas discussões se acaloravam cada vez mais, às vezes até por motivos banais, no entanto, ainda não podia deixá-lo, mas faria isso na primeira oportunidade que aparecesse, não sem antes avisá-lo. Pensava.

Numa noite de calor intenso, aguardei que Pedro viesse se deitar. Despi-me das inconvenientes roupas e me abriguei debaixo do lençol aguardando a sua chegada, ávida e sensual como há tempos atrás. Deitou-se e deu-me as costas dizendo-se cansado pelo trabalho do dia. Parecia que estava havendo um desinteresse sexual dele por mim.

Pedro já não era o mesmo homem que conheci, com desejos ardentes, impaciente e sôfrego. A idade começava a dar-lhe sinais de senilidade. Enquanto eu, ainda jovem, insaciável e voraz, me ressentia de suas abstenções quase que constantes.

Algum tempo depois, o inevitável aconteceu, pondo termo a todos os nossos desencontros, e traçando de uma vez por todas o nosso destino.

Tudo começou com a chegada de uma família de emigrantes alemães. Vieram para ajudar na ampliação da produção dos derivados do leite. A fazenda estava se expandindo e precisava de reforço humano.

Eram quatro pessoas. Além do pai e da mãe, mais dois filhos, sendo uma menina com dezesseis anos aproximadamente, e um rapaz alto, loiro e de cabelos cacheados, que aparentava ter uns vinte e seis. Estabeleceram-se na comunidade e logo foram fazendo amizade com todos.

Numa tarde, depois dos afazeres, Pedro levou toda a família à casa grande para as apresentações devidas, uma vez que teríamos muito contato dali para a frente, na lida com os produtos que fabricávamos.

Naquele dia, Pedro foi até a cidade vender a produção da semana. Eu, como sempre fazia, fui inspecionar os trabalhos, conforme havia me recomendado. Na medida que andava verificando e inspecionando as atividades de

cada um, notei que o rapaz novato não tirava o olho de mim, para aonde eu ia estava sempre me observando, até que me acerquei dele. Conversamos em alemão, pois ele quase não falava o nosso idioma. Apesar de pouco falar, eu ainda não tinha esquecido a língua mater.

Seu nome era Whinter, e fazia uma bela figura. Trocamos algumas idéias por um longo tempo, e então, após me ouvir, confessou que estava sempre me olhando, porque me achava bonita. Fiquei ruborizada com a forma direta com que disse todas aquelas palavras, mas no fundo de meu coração, estava gostando do seu jeito.

Tinha uma forma meiga de me olhar. Era gentil e muito amável, eu havia me encantado com ele, logo à primeira vista. Ao que tudo indicava, seríamos amigos.

Whinter foi logo se aproximando de Pedro, buscando a sua amizade também, e não tardou para conseguir, graças ao seu trabalho, ser o segundo homem na fazenda, depois de algum tempo de aprendizado e muito esforço. Pedro confiava todas as tarefas de maior importância a ele, e assim, a amizade dos dois foi crescendo cada vez mais, a ponto de considerá-lo quase um irmão. Tudo que faziam, faziam juntos.

Alguma coisa me atraía neste rapaz, não sei se o seu porte físico, o seu olhar, ou o que mais pudesse ser. Gostava de conversar coisas amenas de nossa terra, assim, passávamos um bom tempo trocando idéias e rindo de piadas dos próprios alemães, que ele sabia contar muito bem. Era um moço alegre e cheio de vida.

Pedro, por diversas vezes falou-me que não ficava bem estarmos muito tempo conversando, pois isso poderia gerar falatórios que denegririam a nossa imagem. Eu achava, entretanto, que ele estava com um pouco de ciúmes. E de maneira incoseqüente, irresponsável, não lhe dei

ouvidos. Continuávamos nos encontrando e falando descontraidamente, despertando algum ciúme em Pedro, que já não conseguia disfarçar.

E numa dessas tardes, com o pretexto de que queria conversar com Pedro, whinter me encontrou na casa grande. Achei, naquele momento, que ele sabia da ausência do patrão, quem sabe até viu quando ele saiu com todos aqueles homens para o campo.

Foi na cozinha, quando preparava o jantar, que Whinter surpreendeu-me com sua forma direta de se expressar, assim, foi logo dizendo que me achava muito bonita, e que estava apaixonado por mim, quase não podendo controlar os seus ímpetos. Fiquei ruborizada e sem saber o que lhe falar.

Pegou-me pelas mãos e trouxe-me bem perto dele. Senti a mesma sensação se apoderar do meu corpo, como naquele dia em que Pedro procurou-me no quarto dos fundos da casa grande. Foi a mesma excitação, a mesma comoção, o mesmo abalo, o mesmo frenesi.

Um arrepio tomou-me por inteira. Tentei me desvencilhar de seus braços fortes, mas não consegui. Pouco a pouco o calor que sentia ferver minhas veias fazia com que me entregasse à Whinter, quase sem forças ou reações.

Cada vez mais sussurrava ao meu ouvido tantas e tão lindas palavras. Seu hálito cálido e forte punha-me aos poucos louca, quase em desvario total. Suas mãos deslizavam habilmente pelos meandros de meu corpo, que pulsava em desatino. Quase não podia acreditar que aquilo estava acontecendo comigo outra vez. Comecei a sentir um misto de prazer e medo. Na medida que o prazer me dominava, ia esquecendo o medo, e a insensatez daquele ato foi subindo-me à cabeça, até que não ofereci nenhuma força em oposição às nossas vontades. Deixei as sensações

fluírem livremente.

No peito de Whinter pulsava fortemente o seu coração, deixando-o transtornado e fora da razão. Em cada beijo prolongado, um suspiro contido prestes a se tornar gemidos ou sussurros ardentes.

Afoitos e meio animalescos eram os seus gestos. Arrancava-me as roupas rasgando-as, e num segundo estava completamente nua a sua frente, sem pudor ou vergonha que pudesse coibir nossa atitude de amantes vorazes e inescrupulosos. No meu peito ardia a chama da juventude. Nestes gestos tresloucados, toda a paixão de uma união ardentemente desejada. Eram instintos selvagens que se exteriorizavam e buscavam um orgasmo, profundo e palpitante, ímpar e uníssono.

No impulso do desejo incontido, Whinter arrastava-me para o quarto, enquanto aquela paixão se estendia pelos nossos sentidos, tomava os nossos cérebros, onde no leito, daríamos vazão a nossos instintos possessivos.

Nossos corpos exauridos pelo prazer etéreo experimentavam, naquele instante, uma languidez que nos parecia eterna e profunda, reparadora de nossas razões.

De repente, ouvimos um barulho enorme. Era a porta do nosso quarto que estava sendo arrombada e quebrada em mil pedaços pela força e fúria de Pedro, que havia voltado mais cedo do campo.

De sobressalto e ainda nus, deixamos a cama e nos pusemos contra a parede, procurando nos defender da violência de Pedro, que enraivecido e ofendido em sua honra, esbravejava todo o seu ódio. E não era para menos, eu e Whinter havíamos profanado o seu leito conjugal.

Ali, postado em frente à cama, com a espingarda nas

mãos trêmulas, em desvario total, alucinado pelo flagrante, ora apontava a arma para mim, ora para meu amante, como quem não sabia ou estava indeciso quem mataria primeiro.

Gritávamos pedindo-lhe que tivesse calma, que não nos matasse, mas não nos ouvia, parecia estar possuído pelo demônio, pelo ódio que lhe corroía por dentro. Gritava maldizendo o momento que me conheceu, chamava-me de ingrata, xingava-me de vagabunda e prostituta.

E nesse desatino, deixou escapar um tiro, quando seu dedo resvalou no gatilho enquanto falava e gesticulava com a arma. Felizmente não nos acertou, a bala atingiu a lateral da parede onde estávamos recostados. Sua espingarda alojava no interior apenas duas cápsulas, agora só restava uma para ser detonada, e duas pessoas para matar.

Na medida que pedíamos que tivesse calma, que se contivesse, aos poucos nos aproximávamos dele, cautelosamente, e num dado momento Whinter travou uma luta corporal, na tentativa de tirar-lhe a arma da mão. Durante o embate, ambos rolaram pelo chão e ouvi um disparo, um estampido forte. Por alguns instantes ambos ficaram imóveis. Aos poucos Whinter foi se levantando com as mãos sujas de sangue. Sangue que se derramou e que tirou a vida de Pedro. Whinter vestiu-se às pressas e saiu correndo em disparada até perder-se na escuridão da noite, sem dizer uma única palavra. Aturdida, fiquei postada o resto da noite, velando o seu corpo e lamentando-me pela sua morte até o dia amanhecer. Assim que clareou, Whinter apresentou-se à polícia, e foi preso por homicídio culposo, indo mais tarde a julgamento. O corpo de Pedro, inerte e frio, foi levado para a cidade onde seria enterrado no Cemitério Municipal.

Arranjei minha mala com o mínimo possível de meus pertences, nada mais me restava a fazer. Saí da fazenda andando pela estrada comprida, onde outrora Pedro

me levava em sua charrete puxada pelo cavalo pangaré de sua estimação.

Agora arrastava comigo as lembranças que me passavam ligeiramente pela cabeça. O destino tinha me pregado uma peça, sendo cruel comigo. Caminhava pela longa estrada que me levaria ao nada, conduzida pelas reflexões que me atinavam à mente.

De menina à mulher, o tempo passou tão depressa e tantos desatinos cometi nesse tempo. Quanta falta me fazia a minha mãe; como precisava de suas orientações. Se tivesse viva, talvez eu não tivesse feito tantas bobagens nesse curto espaço de vida.

Divagava de um pensamento a outro. Via a imagem de meus avós no porto nos acenando com seus lencinhos brancos e enxugando suas lágrimas quando eu ainda era pequenina. Pensava que também estivessem mortos, dado ao tempo que havia passado. Lembrava-me de meu pai morrendo naquele navio. Revia Andy sendo levada à força ao orfanato. Pensava ainda em dona Anita, sofrendo toda aquela agonia antes de morrer. E enquanto andava naquela estrada poeirenta, ainda via o seu Pedro estirado no chão do quarto com uma bala que lhe transpassou o peito, interrompendo-lhe a vida de maneira promíscua. Meu Deus, que triste sina essa minha! Guiai meus passos errantes por esta vida afora. Estou cansada de sofrer! ...Refletia.

E Andy, onde estaria? Tinha que encontrá-la. Eram tantos os conflitos, eram tantas as minhas vontades que se embaralhavam na minha cabeça latejante.

E assim caminhava lentamente, absorvida pelo meu passado de tropeços e desacertos, voltada para um futuro que me parecia incerto também.

Quando acordei, vi minha filha enxugando o suor de minha testa, enquanto falava comigo. Devagarinho voltava do transe de ainda há pouco. Já podia ouvir mais nitidamente a voz dela falando para a enfermeira que chamasse o médico pois eu não lhe parecia bem. Estavam todos alarmados e rodeavam a minha cama, provavelmente pelo estado emocional que assumi ao relembrar a tragédia da morte de Pedro. Minha reação agravou o meu estado de saúde. A visão que tinha do quarto e daqueles que me rodeavam estava um pouco turvada, e já não era a mesma de antes. Deus! Estaria chegando a hora? Pedia-lhe que prolongasse um pouco mais a minha existência! Que não me levasse agora, por favor! Eu lhe implorava que me deixasse viver, pelo menos até poder contar a minha história.

O médico acabou de entrar apressado no quarto, seguido de seus auxiliares. Achava que tinha tido uma recaída séria, o que alarmou todos eles. Tomavam agora algumas providências de urgência. Chamavam a maca e me levavam para a UTI. Via tudo o que estava acontecendo de maneira um pouco distorcida, mas estava consciente e com muita vontade de viver.

Via minha filha do lado de fora, impedida de me acompanhar, enquanto me aplicavam uma terapia intensiva na UTI, via nos seus olhos marejados muita pena e dor. Então, eu conversava com Deus, perguntava-lhe se merecia tanto carinho e cuidado, mas não escutava a resposta.

Agora estava cheia de aparelhos que se ligavam a mim por fios de várias cores. Aquelas agulhinhas que mediam a intensidade de vida que ainda me restava, mexiam-se como se loucas estivessem; devagarinho minha vista escurecia até perder contato total com o mundo

exterior.

Doze horas na UTI. A visão começava a voltar, a princípio embaralhada e cheia de nevascas, depois clareava, possibilitando-me ver tudo como antes. Aquelas agulhinhas dos aparelhos, antes loucas, agora se estabilizaram. Escutava o médico dizendo ao seu auxiliar que a crise estava controlada. Deus tinha atendido as minhas preces.

Via-me novamente na padiola entrando no quarto, as alegrias se renovaram nos semblantes de meus familiares. Estavam pondo-me na cama outra vez. O médico saiu recomendando silêncio. Voltei a dormir, voltei a minhas evasivas.

Cada vez que adormecia no quarto do hospital sentia como se minha alma estivesse se penitenciando do meu passado. De um passado que se impôs a mim, fazendo com que me enveredasse por caminhos que não tinha escolhido, eles simplesmente aconteceram no meu trajeto de vida. Estas reflexões passavam a limpo uma existência mal traçada, e expiavam da minha alma pecados inconscientes. Pecados que simplesmente se antepuseram a mim, traçando uma história de desencontros e sofrimentos.

*** **

Percorria cada palmo daquela estrada sentindo-me agonizante. Dentro do meu corpo havia um vazio que me maltratava. Uma sensação de que me faltava algo, que me

faltava alguém. Sofria pela morte de Pedro, culpava-me por ela, pela traição incabida ao homem que me acolheu, e não só a mim como também à mamãe e a Andy. O remorso andava lado a lado com meus passos inseguros em direção à cidade de Curitiba, onde procuraria trabalho e abrigo.

Sentia-me exausta de tanto andar. Meus pés estavam amortecidos e inchados pela caminhada ao longo da estrada, que parecia não ter mais fim. O sol estava forte e ardia sobre meus ombros. A mala que carregava, embora pequena, parecia pesar uma tonelada, e a cada metro andado ficava mais e mais pesada.

Procurava uma sombra à beira da estrada e sentei-me numa pedra que se achava sobre o barranco, enquanto procurava restabelecer o fôlego e o ânimo para a caminhada que me restava à frente. Chafurdava-me pelos estreitos caminhos da memória, revolvendo os insignificantes atos que me atormentavam naquele instante.

Não se afastava da minha mente, rondava-me e horrorizava-me aquela cena de violência, quando em luta corporal rolavam pelo chão do quarto, Pedro e Whinter. Enquanto um se sentia ultrajado e queria lavar a honra, o outro buscava apenas a sua defesa. E assim, num ato impensado, traçavam os seus destinos. Pedro pagou com a vida o seu descontrole e ciúme, e Whinter teria que enfrentar um longo processo pela frente, que atrapalharia a sua estada no Brasil, ainda que tivesse sido um acidente.

Sentia-me profundamente culpada e procurava penitenciar-me por tudo o que tinha causado a eles. Estava agora sem destino, sem um rumo certo, sentada sobre uma pedra à lateral da estrada, quase sem forças para continuar andando.

Creio que adormeci por alguns minutos, enquanto estava refazendo as forças. Olhei a estrada e vi uma carroça

que vinha ao longe e ia na direção da cidade. Num repente, achei que estivesse sonhando. Mas o barulho do trote dos cavalos aumentava à medida que se aproximava. Então, fiz um sinal ao carroceiro pedindo-lhe que me levasse até à cidade. Refreou os cavalos puxando as rédeas, permitindo que subisse à boleia.

Assim, seguíamos silentes sem que o homem dissesse qualquer palavra. Os cavalos andavam lentamente pelos caminhos sinuosos. A carroça rangia suas quatro rodas, emitindo um som enervante que me punha aflita.

Num dado momento o homem começou a falar com aquele jeito caipira de ser, lento e irritadiço. Perguntou-me se tinha ouvido falar que mataram o dono da fazenda que ficava logo ao lado da sua. Constrangida, disse-lhe que nada sabia a respeito disso. E então, começou a me contar toda a história da maneira como tinha escutado, distorcida e inverídica quase na sua totalidade. Felizmente já estávamos chegando à cidade, pois não agüentaria aquela conversa por muito mais tempo.

Paramos no Largo da Ordem, onde havia um bebedouro para os cavalos matarem a sede e descansarem. Apeei e me vi num lugar onde os fazendeiros da região traziam para negociar as mercadorias e produtos das fazendas vizinhas. O movimento era grande de animais que iam e vinham de todos os lados.

Perdida e sem saber para onde ir, restava-me somente aguardar sentada num banco de praça, até que pudesse me orientar e refazer minha vida. Naquela noite dormi no sereno. Na manhã seguinte procurei emprego nas casas comerciais de "secos e molhados". Em nenhuma delas tive acolhida. Estava com fome e meu estômago doía pelas cólicas que sentia. Entrei num bar e pedi que me dessem um copo de água. Com ambas as mãos trementes, entornei-o de uma só vez. Sentei-me numa mesa ao lado, e minhas forças

foram devagarinho sumindo, como se a morte estivesse me levando. Tudo a minha volta rodava muito rapidamente. Desmaiei e nada mais vi.

Quando acordei estava numa enfermaria do hospital, com uma agulha fincada na veia, onde por ela corria um soro que me restabelecia da fraqueza. Felizmente fui socorrida a tempo por pessoas que estavam naquele momento no bar. A última coisa de que me lembrava era que tinha tomado um copo de água. Só isso e nada mais.

A enfermeira que me cuidava naquele momento contou-me que o médico de plantão precisava de uma empregada doméstica para a sua casa. Conversei com ele, disse-lhe de minha situação, de minhas necessidades. Compadeceu-se e me levou para trabalhar com ele em sua residência. Davam-me alimentação e um salário até razoável, mas aquele tipo de serviço não era para mim. Enquanto trabalhava ali, procurava outra coisa para fazer, quem sabe algum dia apareceria coisa melhor.

O médico era simpático e a nossa aproximação começava a gerar conflitos com a sua esposa, que a cada dia que passava implicava mais e mais comigo. Puro ciúme de minha beleza e porte físico. A situação estava ficando quase incontrolável.

Num daqueles dias em que a patroa não estava em casa, o doutor assediou-me. Não resisti aos seus encantos, pois era um homem bonito e elegante. Fizemos amor naquela tarde. Outras vezes mais, sem que a patroa suspeitasse da gravidade dos nossos encontros. Nosso caso estava ficando complexo e perigoso. O médico estava se apaixonando por mim e eu por ele. Propôs-me então, que deixasse o emprego. Concordei de imediato, lembrando-me da tragédia do Pedro.

Arranjou-me uma linda casa mobiliada, pagava o

aluguel e ainda me dava uma importância em dinheiro para o meu sustento. Ia me ver algumas vezes na semana, quando passávamos intermináveis horas de prazer e intensas volúpias.

Foram meses de muita felicidade. Eu havia me afeiçoado ao médico, que sempre foi muito gentil comigo, cobria-me de vestidos e jóias. Tornei-me sua amante exclusiva, mas não suportava as cenas de ciúmes que vez por outra aprontava. Não me permitia que saísse sozinha e tampouco que falasse com pessoas que não fossem conhecidas. Repreendia-me pelo meu jeito expansivo de ser.

Éramos os amantes perfeitos, e mais nada eu devia exigir da vida, no entanto, havia uma lacuna a ser preenchida dentro de minha alma. Algo estranho que se processava dentro de mim.

Nem eu mesma sabia explicar essa minha inconstância com as coisas. Uma insatisfação rondava-me e tornava-me inquieta, tudo se passava como se eu tivesse medo de estar sozinha, abandonada, punha a perder tudo que tinha conseguido.

Eu sempre fui a segunda mulher, aquela que quando sobrasse algum tempo teria a companhia do amante. Começava a me cansar dessa vida, de tudo e de todos.

Queria muito mais que isso, almejava ser a primeira. Sentia-me bonita e tinha um corpo que enfeitiçava os homens. Eu sabia disso, e vez por outra aproveitava a ausência do meu amante e arriscava-me numa nova aventura, às surdinas, sem que nenhum vizinho visse. Adorava correr riscos. Assim era o meu espírito inconstante.

Certa vez, recolhi em minha casa o padeiro, quando logo cedo depositava os pães na sacola que deixava pendurada no trinco da porta, pelo lado de fora. Naquela

época era assim que as coisas se passavam. Entregavam o leite à nossa porta, o verdureiro vendia suas verduras em suas carroças, frangos entre tantas coisas mais.

Convidei o padeiro para tomarmos o café da manhã e acabamos fazendo sexo na cozinha, em cima da mesa. Enquanto isso, lá fora a vizinhança se aglomerava ao redor de sua carroça, para comprar os pães. Quando saiu, já tarde, um pessoal alvoroçado estava a sua espera. Tivemos que dar a desculpa de que uma torneira havia enguiçado, e com a ajuda dele o problema foi resolvido.

No outro dia, bem cedo, tivemos outro encontro amoroso. Ríamos pela cara que os vizinhos fizeram quando demos a desculpa da torneira. E novamente ao sair de casa, algumas pessoas que o aguardavam, vieram aconselhar-me a procurar um encanador, e não um padeiro para consertar torneiras. Resolvemos parar com nossos encontros furtivos pela manhã, para a alegria da vizinhada. Trocamos o horário, nossos encontros seriam à noite, quando ninguém mais estivesse acordado.

Apesar de estar amasiada com o médico, sentia-me insegura pela própria situação de ser ele um homem casado. Sabia que aquilo não poderia durar muito tempo. Cedo ou tarde sua esposa descobriria o nosso caso. Minha intenção era prolongar ao máximo aquela relação, até que tivesse umas economias que me possibilitassem adquirir uma casa, mesmo que fosse menor e menos sofisticada que aquela onde morava de aluguel.

A vida que levava ao lado do médico estava um pouco monótona, apesar de ser ele uma pessoa boa e muito gentil. Na maioria das vezes só nos víamos uma ou duas vezes por semana, ficando o restante do tempo sozinha, o que me levava a um tédio martirizante. Minha personalidade era irrequieta, portanto eu não suportava a solidão. Tinha

que me mexer e inventar coisas até que o dia passasse.

Numa daquelas tardes de muito sol e calor, alguém bateu-me à porta com toques fortes e insistentes. Ao atender, qual foi a minha surpresa ao ver que a antiga patroa, mulher do meu amante, estava ali postada, com uma feição aparentemente tranqüila. Quase desmaiei de susto, e procurando me recompor, convidei-a para entrar. Na sala de visitas tivemos uma conversa que me deixou perplexa e até certo ponto penalizada, pelo enfoque que assumiu.

Ao contrário do que estava imaginando, que tivesse vindo para brigar e aprontar um escândalo, pediu-me com toda a calma, que deixasse o seu marido em paz. Explicou-me que o amava muito, que estavam juntos há mais de vinte anos e tinham filhos que ainda dependiam deles. E se continuasse esse estado de coisas, a separação seria iminente, mais um lar estaria sendo desgraçado. Disse-me também que foi informada do nosso caso por vizinhos meus.

Fiquei pasma e sem saber o que diria a ela. Confirmei a nossa história, não neguei nada, até por uma questão de consciência. Em momento nenhum me opus aos seus argumentos. Até porque o relacionamento que estava tendo com o marido dela aconteceu por mera contingência, necessidade do momento, não tinha como recusar a sua ajuda, pois estando desamparada e sem ter para onde ir, aceitei o emprego, de resto foi pura casualidade.

Muitos dias se passaram a partir daquele momento sem que o médico viesse me visitar. Concluí que não voltaria mais, que a esposa tivesse dado um basta no nosso relacionamento, haja vista aquela última conversa.

Embora eu não tivesse ainda rompido o compromisso com o meu amante, o padeiro passou a me visitar sempre à noite, conforme tínhamos combinado. Assim, estávamos os dois na sala conversando quando

fomos surpreendidos pelo médico, que adentrou a casa afoito e nervoso. Após uma pequena cena de ciúme sem maiores conseqüências, sentamos os três e conversamos civilizadamente sobre o caso que eu estava mantendo com ambos. Ele saiu despedindo-se friamente e sem sequer olhar para o padeiro que estava ali ao lado tremendo de medo, pois nunca fora pego pelo amante de sua amante. Realmente foi uma situação muito engraçada.

Assim que saiu bateu a porta. Fiquei então pensando no risco que todos corremos. O encontro não teve desfecho mais sério porque o médico, felizmente, veio com a intenção de terminar tudo sem escândalos. Pediu-me que saísse da casa e em contra partida me daria uma importância para o meu sustento até que me firmasse em algum emprego. Concordei sem maiores rumores ou alardes, pois o padeiro não tinha como me ajudar, era um homem pobre que lutava pelo sustento vendendo seus pães. Nenhum dos dois nunca mais apareceu em minha vida. No fundo era isso mesmo o que eu queria.

Tornei-me peregrina atrás de emprego por toda a cidade. De porta em porta diziam que não havia vagas. O tempo que me foi dado já estava se esgotando e se aproximava o momento de deixar a casa. O dinheiro das economias se esgotou rapidamente, e aquele que havia prometido dar, não deu. O arrependimento de uma vida errante batia-me à cabeça, frente a novas necessidades que já se vislumbravam. Arrependida, relembrava aqueles momentos bons na fazenda, de onde nunca devia ter saído.

Apesar de tudo, ainda tinha a esperança de melhorar meu destino. Suplicava a Deus que me orientasse e me mostrasse o caminho, queria acertar, deixar essa vida vacilante e nômade. Mas como? Ninguém me dava oportunidade de trabalho! - pensava, lamentando a vida que tinha, cheia de altos e baixos.

Sem dinheiro e sem ter onde morar, fui ao convento onde certa vez eu e Pedro fomos procurar por Andy. Lembrei-me da irmã superiora que nos atendeu naquela oportunidade. Ela com certeza haveria de me acolher, me alimentar e me agasalhar. Em troca poderia ser útil ao convento com algum tipo de trabalho.

Bati a sua porta e fui acolhida pela madre. Levaram-me à clausura para votos de humildade e devoção, onde fiz muita oração de arrependimento para expiar meus pecados. Isolei-me de tudo e de todos esperando a purificação divina para minha alma pecadora.

Passaram-se dez dias e então eu comecei a trabalhar no convento. Até então não fazia outra coisa senão rezar nas horas de folga, quando não estava lavando os hábitos das freiras, passando e engomando seus colarinhos cléricos.

Levava uma vida dura e cheia de abstenções. Pedia em minhas orações diárias que Deus me ajudasse a achar minha irmã. Sentia a falta dela a cada momento. Pedia que me desse uma luz indicando o que devia fazer. Mas essa luz não vinha, por mais que implorasse. Aconselhava-me com as freiras que também nada podiam fazer, além do que já estavam fazendo. Rezava pela alma de Pedro e ficava constrangida ao lembrar que tinha sido o motivo de sua morte, achava que esse peso eu carregaria pela vida toda. Não me conformava e chorava lágrimas intensas, enquanto rezava ajoelhada na frente do altar da capela.

Dois anos tinham passado desde o dia que entrei para o convento. Trabalhava muito lavando o chão dos enormes corredores do prédio, limpando os bancos da igreja, entre outras atividades que me mandavam fazer. Andava exausta de tanto trabalhar nas tarefas mais pesadas do convento.

À noite, em meu quarto, mirava-me no reflexo dos vidros da janela, procurando ver o meu aspecto físico. Em

todo o convento não havia um só espelho. Era pecado ver a própria imagem. Vestia-me com roupas de noviça, o hábito cobria-me da cabeça aos pés, num recato total. Minha pele começava a ficar esbranquiçada pela falta de sol, meu rosto assumia um aspecto triste, desbotado e cadavérico, pelas profundas olheiras que me acentuavam os olhos. Sentia um frio que me subia pela espinha arrepiando-me toda, ao me ver naquele estado. Logo eu que sempre fui muito vaidosa. Meu visual estava como jamais tinha visto antes.

Continuava ali, imóvel e quase sem nenhuma reação, olhando minha imagem refletida na vidraça. Espelhava-me na desventura de meu sacrifício e sina. Quase não podia acreditar no que estava fazendo comigo mesma. Aquilo era quase um auto-flagelo, havia de recompor este estado de coisas, reavivar o ânimo e partir para a luta. Aquilo não era vida para mim que sempre fui ciosa da minha beleza.

E no êxtase de minhas divagações, quase que automaticamente fui tirando a roupa, a exemplo do que fazia na frente do espelho na fazenda, onde admirava o meu corpo nu, com a vaidade de menina moça.

Pouco a pouco deixava cair as peças do vestuário, e não tardou para que me visse completamente nua. Meu corpo ainda apresentava as silhuetas de antigamente. Meus seios estavam firmes e róseos, minha barriga mantinha a mesma musculatura definida e lisa, sem acúmulos ou adiposidades. Minhas pernas estavam torneadas e firmes. Via-me bela como em outros tempos. A vaidade começou a tomar conta do meu cérebro outra vez. Ainda era jovem e contava com apenas vinte e oito anos. Havia tempo de recomeçar outra vez. Agora, um pouco mais animada, do que há pouco, desprendi e soltei os meus cabelos, que estavam presos pelo barrete que compunha o hábito de noviça. Ajeitei-os com as mãos. Fiz trejeitos os mais variados e sensuais. Balancei meu corpo para os lados, movimentando meus cabelos que estavam compridos e

precisavam de um corte para ajeitá-los. Sentia-me feliz novamente, parecia que minha alma se reconfortava com os pensamentos positivos que acabava de fazer. Era outra mulher. Novo ânimo se apoderou de mim.

Adormeci nua como costumava fazer em outros tempos, numa época que não existia censuras e pecados demoníacos por parte de freiras, religiosidades intensas ou carolices de beatas. Em meu peito batia um coração, e nas minhas veias corria um sangue quente, dentro de um corpo belo e sedutor, disposto ao amor, sem fronteiras ou limites proibitivos. Estava convencida que tinha que deixar o convento imediatamente, e ir ao encontro da vida, sem remorsos ou rancores de coisas passadas. Havia muito para viver ainda, e eu estava disposta a recomeçar tudo de novo.

Na manhã seguinte levantei bem cedo para assistir á missa na catedral. Era domingo e teria uma cerimônia especial de páscoa. Eu e as demais noviças entrávamos na igreja seguindo em fila a madre superiora, e nos acomodávamos num dos bancos bem em frente ao altar, onde o padre fazia a celebração.

De repente, uma sensação estranha comecei a sentir. Era como se algo, uma força qualquer atraísse a minha atenção para o lado, na outra fileira de bancos. Ali estava uma pessoa alta e do tipo atlético, engalfinhado num terno preto impecável, me olhando firmemente, e de vez enquanto sorria para mim. Resisti aos olhares por medo que a madre visse, mas em pouco tempo comecei a retribuir o seu sorriso doce e de muita candura. Deus, será que ouviu as minhas preces? Seria este o sinal que há muito venho lhe pedindo?

A missa prosseguia, e também continuamos a sorrir um para o outro despistadamente, num enlevo que me mantinha alegre e feliz. Fez-me um sinal fazendo-me entender que me esperaria na porta da igreja, levantou-se e

saiu. E agora? Pensava, entre alguns conflitos, como faria para encontrá-lo? Como faria para ir até ele? Seria esse comportamento adequado para uma noviça?

Relutava para controlar meus ímpetos. Cutuquei o braço da madre chamando-lhe a atenção, e então, ao seu ouvido, cochichei que não passava bem, que precisava sair para tomar um pouco de ar. Obtive o seu consentimento e fui eufórica ao encontro daquele desconhecido. Enquanto andava pelo corredor da igreja, sentia que a minha vida estava se aproximando da felicidade.

Não retornei à igreja e nem voltei ao convento, deixando tudo que possuía para trás, e rumando para uma nova vida. Dali mesmo deixamos a cidade de Curitiba e rumamos para Santa Catarina, para numa pequena cidade que se chamava Blumenau.

Adolph era o seu nome. Tínhamos mais ou menos a mesma idade. Elegante, simpático. Bem sucedido nos negócios e estabelecido no ramo de restaurante. Apaixonou-se por mim no mesmo momento que me viu na igreja. Conversamos e saí dali do mesmo jeito que estava. Compramos algumas roupas para poder me desvencilhar do hábito que vestia.

Vivemos felizes por dois anos, numa casa luxuosa, ampla e com todo o conforto. Do teto do nosso quarto pendia um enorme candelabro de porcelana chinesa, que cuidava da iluminação. Cortinas de seda pura e importada desciam das janelas até o chão. Sanefas de veludo davam um toque final na decoração. Uma cama grande e macia nos abrigava nas noites de eterno romance. Adolph me tratava bem e com um carinho especial, sentia que me amava, e eu estava começando a gostar dele também. Tínhamos mordomos e empregados por toda a casa, dispostos a me servir num simples toque de dedo. Aquela era a vida que queria ter, com abundância e muita festa.

Dinheiro não faltava e nem amigos, que sempre estavam nos rodeando e nos bajulando. Adolph era muito bem relacionado na cidade. Pessoas influentes e que gostavam de viver em alto estilo faziam parte de nosso círculo de amizade.

Naquela noite dávamos uma festa no jardim, que ficava num enorme terreno nos fundos da casa. Todos os convidados foram recepcionados ao redor da piscina. A noite estava quente, e no céu a lua cheia se encarregava de pratear aquele encontro de amigos. Todos estavam felizes, inclusive eu e Adolph. Sempre juntos, recepcionávamos nossos convidados. Exagerei na bebida e estava um pouco atordoada. Não me sentia bem.

Subi até meu quarto para descansar um pouco e tomar um analgésico para a dor de cabeça. Minutos depois, o mordomo bateu à porta trazendo-me a água e o comprimido que havia pedido. Entrou com a bandeja e a colocou sobre o criado mudo, na lateral da cama. Ficou postado na minha frente a me olhar da cabeça aos pés, enquanto permanecia ali deitada por alguns instantes. Numa atitude impulsiva, que nem sei explicar como e porque, puxei-o pelo braço, trazendo-o até a mim. Na cama, começou a me beijar e a acariciar meus seios, e em pouco tempo fui possuída como nunca havia sido antes. Meu mordomo, que até hoje não sei o seu nome, era um amante viril e feroso. Passada a euforia do momento, censurava-me pela atitude que tinha tomado.

Tivemos vários momentos iguais àquele nos dias subsequentes. Tornava-me amante do meu mordomo, dentro da casa e do quarto do meu amante. Realmente era uma situação deveras estranha, e sempre acontecia quando me sentia sozinha. Adolph começava a desconfiar do nosso relacionamento, talvez pelas trocas de olhares que fazíamos ou pelo sorriso despistado que deixávamos escapar. A partir de então, vieram os conseqüentes desencontros, que se

agravavam cada vez mais, culminando em pequenas brigas.

Adolph desconfiava, eu sabia, mas não me acusava porque não tinha prova que nos incriminasse, e nunca nos pegou juntos, felizmente. A partir daí começou a alterar seus horários de chegar em casa. Certos dias vinha mais cedo, em outros, mais tarde, de maneira a nos confundir, para nos pegar em flagrante. Não conseguindo, despediu o mordomo sem me consultar, como fazia de outras vezes.

Nosso relacionamento se deteriorava cada vez mais, e agora não mais nos víamos com a frequência de sempre. Quando eu chegava em casa, ele estava saindo; sempre que ele chegava, quem estava saindo era eu. O afastamento era inevitável. O relacionamento que tínhamos esfriava cada dia que passava. Nossa separação estava cada vez mais próxima, como consequência.

Assim, com as desconfianças exteriorizadas cada vez mais, nossos desentendimentos se tornavam mais amiúdes. Implicávamos um com o outro até por coisas banais e incabíveis.

Tentamos uma reconciliação, mas não houve jeito. Estando os ânimos abalados, nada mais teria acerto. Então discutimos amigavelmente, e dentro de um acordo comum deixei a casa, mudando-me para Curitiba novamente.

Com uma chaga aberta e dolorosa no peito, seguia novamente meu caminho, levando comigo a frustração de mais um relacionamento rompido por exclusiva falta minha.

Questionava-me porquê essas coisas aconteciam comigo, justamente nos momentos em que estava mais feliz. Tinha tudo que alguém pudesse querer. Que coisa estranha se passava na minha cabeça que me levava a proceder de maneira errada, magoando pessoas que me queriam bem? Que impulso forte era aquele que me embaralhava a

consciência e me impulsionava para o desconhecido e imponderável, pondo-me a perder a própria felicidade? Que atração forte era essa que não conseguia refrear um simples impulso sexual?

Uma seqüência de perguntas sem respostas me punham transtornada. Era um instinto quase animal que me perturbava o cérebro e me punha a fazer loucuras inexplicáveis. O arrependimento sempre vinha depois, e quando chegava já era tarde demais para reconciliações. Assumia os meus desmandos sem saber que instinto forte era aquele, que quase sempre me impulsionava para pessoas desconhecidas nos momentos em que me achava solitária e desprotegida.

Em Curitiba, assim que cheguei, tratei logo de aplicar o dinheiro de minhas economias, antes que ele desaparecesse com bobagens. Comprei uma casa num bairro novo que se formava, chamado Cristo Rei, perto do centro, e num lugar tranqüilo para se morar.

Vivia solitária com meus pensamentos, vez por outra pensava em minha irmã que há tanto tempo não via. A sorte tinha sido ingrata comigo, desviando-a do meu caminho. Pensava em Whinter e como ele estaria agora. Arrepiava-me só de pensar no dia em que a minha mãe foi enterrada naquela fazenda, jogada simplesmente envolta num lençol sujo do próprio sangue, e recoberta de terra. Sempre que a solidão batia, ela remexia o meu passado, pondo-me nervosa, aflita e inconseqüente.

E naquela vida discordante, prosseguia o meu destino, revivendo os meus dias, e rememorando os meus entes queridos. Sentia uma falta enorme deles. Vez por outra rezava para que Deus estivesse bem perto de todos eles. Por certo estariam bem melhor do que eu, que neste mundo passava por momentos de privações e constrangimentos.

Em Curitiba comecei com visitas repetitivas a um centro noturno, onde conheci várias moças que se tornaram minhas amigas. Com elas passei a freqüentar uma antiga casa de prostituição, muito conhecida na cidade. Lá, quase cheguei ao fundo do poço.

Havia jurado que não mais queria ter amantes, pois só lhes causava dissabores e desentendimentos. A minha vida prosseguiu no mais baixo patamar da decrepitude humana, trocando sexo por dinheiro. Aquele ambiente que freqüentava todas as noites me possibilitava conhecer muitas pessoas diferentes, na maioria homens velhos ou casados. Começava a me cansar daquela vida prostituída e jurava deixar tudo para trás. Tentaria recomeçar de maneira decente. Esta era a minha vontade.

Com trinta e dois anos de idade, meu corpo já não era o mesmo, apesar de me manter atraente para os homens, pois sempre fui uma mulher bonita e faceira.

Na época chamavam os prostíbulos ou bordéis de "casa de tolerância," e sua dona obrigava as suas "meninas" de tempos em tempos a se submeterem a exames médicos, para manutenção da saúde. E foi num desses exames que conheci um médico, famoso na cidade.

Atencioso e falante, bem mais velho do que eu, tinha quarenta e oito anos, mas um bom porte físico. Era viuvo e sem filhos, nunca os teve porque sua mulher tinha um problema nos ovários que a impedia de gerar uma criança. Uma menina era o sonho de sua vida. Galanteava-me a cada vez que ia em seu consultório. E quando faltava as consultas, procurava-me no prostíbulo, onde passávamos horas conversando. Isso aconteceu várias vezes seguida.

Contei-lhe de meus traumas, dos impulsos que me oprimiam, levando-me momentaneamente a cometer loucuras que traziam aborrecimentos logo após. Mesmo

assim ele não desistia. Insistia em seus galanteios, de maneira educada e polida.

Na sequência de nossas conversas e depois de muita insistência, consenti em me consultar com um psiquiatra, colega seu, e submeter-me a uma série de sessões de análise comportamental.

Dentro de algumas semanas, minhas reações que eram de fundo traumático estavam desvendadas pelo especialista, que me garantiu que estava curada. Realmente, sentia-me melhor, parecia que minha cabeça raciocinava com mais clareza. Aqueles impulsos que tinha eram agora melhor controlados.

Meus traumas, segundo o médico, tinham origem nas mortes que tinha presenciado no passado, e principalmente na de Pedro, cuja tragédia marcou fundo, no âmago da minha consciência, fazendo-me sofrer muito.

Na verdade, Pedro era para mim um amparo e não um marido. Via nele uma proteção, um respaldo desde pequenina. Sua morte representava na minha mente uma perda e a sensação de estar sozinha no mundo. Sempre que eu associava a solidão com sexo e traição, exacerbavam no meu inconsciente, aquelas cenas de violência que culminaram em sua morte. Assim, aquele pavor de me sentir sozinha novamente eclodia por medo da solidão.

O trinômio solidão, sexo e traição estava sempre presente na minha mente sem que tivesse consciência, de maneira que, por associação, reagia de forma estranha e inconveniente.

Dessa associação sobrevinha uma ansiedade que se apoderava de meu peito, fazendo com que não permanecesse por muito tempo sozinha. Por medo agarrava-me à primeira pessoa que estivesse ao meu lado, num gesto

impulsivo. E assim o círculo novamente se fechava pelo trinômio. Pela solidão fazia sexo, e pelo sexo, fazia traição.

Várias sessões de reforço seguiram-se, até que definitivamente foram afastadas as causas de meus males. Sentia-me livre e uma outra mulher. Estava agora com pensamentos mais positivos e propensa a aceitar as mesuras do doutor Neris.

Todas as noites punha-me bonita e ficava à espera do doutor Neris, que não tardava a chegar. Confessou-me um dia que vinha cedo como forma de se antecipar aos outros homens, não lhes dando nenhuma chance de estarem comigo. Assim ele teria a exclusividade de minha companhia.

E foi numa daquelas noites que conversávamos numa sala isolada e reservada só para nós, que presenteou-me com um lindo anel de brilhantes. Sem dizer palavra alguma, tirou o pequeno estojo do bolso, e abrindo-o lentamente, colocou-me no dedo aquele exuberante presente.

Quase não podia acreditar. Estava maravilhada com a atitude galante de meu companheiro mas não podia aceitar uma jóia tão cara de presente. Recusei tentando tirá-lo do dedo. Fui contida por ele que segurou-me a mão firmemente, e olhando nos meus olhos, perguntou se queria casar-me com ele. Esse foi um pedido formal e inesperado.

Não estava acreditando naquilo que meus olhos viam e que meus ouvidos escutavam. Aquela foi a primeira vez que alguém falava seriamente em casamento, sem nunca ter transado comigo ou sequer tentado. Seus interesses estavam voltados inteiramente a minha pessoa. Conhecia toda a minha vida passada, com todos os seus detalhes, sem sequer me censurar por tudo que sabia. Não houve cobrança ou exigência alguma, simplesmente de maneira terna e segura,

expressou aquelas doces palavras: "Você quer se casar comigo?"

Como poderia não aceitar um convite de alguém tão despretenso, tão puro e sincero? Questionava-me naquele momento, enquanto as lágrimas marejavam meus olhos e escorriam-me pela face. Aquela tinha sido a primeira vez que chorava de felicidade verdadeira.

Após alguns minutos de silêncio perguntei-lhe, então, se não sentiria vergonha de estar casada com uma mulher nas minhas condições. Ele, um médico famoso e bem relacionado; o que diria a sociedade? Deu com os ombros como quem não se importava com o que os outros pudessem falar. O que importava naquele momento era a felicidade que tomava conta de nossos sentimentos.

Enxugou-me as lágrimas com seu lenço branco, passando-o suavemente pelo meu rosto com muito carinho. Olhou-me novamente com firmeza e cobrou-me a resposta, fazendo novamente a pergunta: "E então, quer se casar comigo"?

Respondi-lhe que sim, sem titubear. Abraçamo-nos com uma ternura jamais sentida. Meu Deus, estaria aí a resposta a meus apelos? Estaria eu sonhando? A felicidade batia a minha porta e eu podia senti-la. E desta vez seria tudo diferente.

Alguns dias se passaram e não mais voltei à casa onde trabalhava, nestas novas circunstâncias não voltaria mais lá. Minha vida começava a mudar.

Estava absorvida com os preparativos da cerimônia do nosso casamento, que seria simples, mas ao gosto dele. Fazia questão que eu aparecesse na sociedade. Queria mostrar a todos a mulher que amava.

Um pouco antes de nos casarmos, sentamos na sala de minha casa, e então, resolvi falar-lhe de minha irmã Andy. Conte-lhe toda a história porque não queria que nada, que nenhuma surpresa viesse depois estragar o nosso casamento, aquela união que nasceu do mais puro desinteresse, e culminou num grande e profundo amor. Após ouvir tudo atentamente, prometeu-me ajudar a encontrá-la, e então, viveríamos felizes, os três, em nossa casa.

Casamos numa cerimônia simples, mas divinal, com alguns ilustres convidados, na grande maioria médicos de sua convivência. Estávamos felizes. E ao término de nossa festa, nova surpresa ele me fez. Quando imaginava que fôssemos para a minha casa, simples e modesta, me levou para uma mansão que havia construído há pouco tempo. Uma verdadeira obra de arte, como sempre sonhei nos meus momentos de ambição. Neris, o doutor Neris, agora era o meu marido, de papel passado e tudo. Prometi que lhe faria feliz pelo resto de minha vida.

A partir do momento em que me casei, sempre fui bem aceita pela sociedade e pelos amigos que nos cercavam. Meu marido tinha alto conceito como médico e cidadão, repassando-me todo o respeito que por ele tinham. Aprendi a ser uma dama pela convivência com as demais esposas de nossos amigos.

Tínhamos pelo menos duas vezes por semana, um chá, onde nos reuníamos com diversas damas da sociedade. Conversávamos de maneira elegante e civilizada, de sorte que aquele jeito que trazia comigo desde os tempos da fazenda, devagarinho foi desaparecendo, dando lugar a uma senhora fina e recatada. Frequentava também algumas aulas de etiqueta com professoras particulares que iam até a minha casa. Estava mudada e realmente muito feliz ao lado de Neris que, sempre muito gentil, tratava-me como uma princesa.

Pela primeira vez na minha vida conheci o que era o amor. A cada dia que passava mais me apaixonava por Neris, que me retribuía com seu amor infinito. Estávamos felizes e já programávamos, para logo, um filho, o sonho de sua vida inteira. Torcíamos para que fosse uma menina.

Naquela tarde, Neris chegou mais cedo em casa. E como quase sempre fazia, trazia uma surpresa para mim. Ao entrar com ambos os braços escondidos atrás das costas, foi logo me perguntando: "Adivinhe o que tenho nas mãos. Você quer a direita ou a esquerda?"

Pensei um pouco e fiz aquela cara de quem está tentando descobrir por meios sobrenaturais o que ele tinha nas mãos, e qual delas eu deveria escolher. Depois de um tempinho resolvi pedir a direita. Mostrou-me que nela não havia nada. Sorrimos, e então deu-me uma nova chance. Desta vez acertei. Duas passagens de ida e volta para a Europa, de navio, por trinta dias. Abraçamo-nos felizes como nunca.

Realmente estava me sentindo muito bem ao lado do homem que amava. Deus me mostrou o caminho, tirando-me daquela vida miserável, e eu não gostava nem de pensar que um dia passei por ela.

O dia do embarque estava chegando, começava a correria para arranjar as malas. Todos os preparativos estavam em fase final. Andava nervosa, afinal não era todo o dia que se podia viajar em alto estilo para a Europa. Conheceríamos juntos, vários países, sempre nos amando.

Quando embarcamos no navio, num camarote de primeira classe, com todo o conforto que se podia imaginar. De início senti-me um pouco aflita, por reavivar em minha memória cenas de meu pai morrendo à mingua, de minha mãe, e de tantas outras passagens de quando emigramos, que eram impossíveis de se esquecer.

Neris, assim que percebeu que estava nervosa, começou a conversar comigo de maneira hábil e convincente, até que me pus novamente tranqüila. Realmente, ele tinha razão, aquela viagem estava sendo realizada para descanso. Tinha, portanto, que me libertar daqueles pensamentos funestos e realizar o nosso passeio com espírito de lazer, aproveitando tudo que tínhamos de melhor. Nos olhamos demoradamente, nos abraçamos e sorrimos. Na seqüência desses abraços e dessa ternura fizemos amor, aproveitando o balanço do navio pelas ondas do mar.

Neris, além de bom esposo era também um amante voraz. Engolia-me por inteira, tragava-me e afundava-me num orgasmo jamais sentido. Rolávamos pelo leito como dois adolescentes que não continham seus ímpetos. Alucinava-me seu modo de me abraçar e me beijar. Deixávamos fluir solto nossos sentidos e nossos afetos, traduzidos por imensas carícias e muito amor.

Desfrutávamos de cada opção que o navio proporcionava a seus passageiros. E eles eram muitos e variados. Almoços exuberantes com comidas sofisticadas, algumas com gosto estranho. Na piscina deixávamos nossas preguiças logo pela manhã, num mergulho reparador. À noite, no salão de festas, dançávamos até nossos pés reclamarem de cansaço.

Foram dias maravilhosos dentro daquele navio, que apelidamos de " navio da felicidade" Os dias passavam depressa, numa viagem venturosa e cheia de surpresas agradáveis. Gostaria que aquele tempo nunca mais findasse.

Conhecemos as cidades de Roma, Paris, Madrid, Barcelona e Lisboa. Em Coimbra, cidade portuguesa onde está a escola de medicina que formou Neris, ficamos um pouco mais, onde recordava de suas passagens de juventude, enquanto estudante. Visitou amigos do tempo de escola. Ele

estava radiante e cheio de amor.

Nossos trinta dias de férias foram de ventura, bem estar e contentamento pleno e cheio de paz. Renovamos nossas forças e nossos espíritos. Jurávamos amor eterno.

Algum tempo depois de nossa chegada, comecei a passar mal. Sentia enjoos, ânsias e uma dor nas costas que me martirizava. Neris levou-me ao hospital São Lucas, e após uma série de exames constatou-se uma gravidez, para nossa alegria.

Meu marido se dedicava integralmente a mim, no acompanhamento e evolução da gestação, que não foi das mais fáceis, pondo-o em constante estado de alerta, dada a minha idade.

Os nove meses se passaram e finalmente a criança estava para nascer. No hospital, com todo acompanhamento necessário, naquela madrugada nasceu uma menina, uma linda criança que marcou a sua chegada com um choro forte e saudável, que reverberava por entre as paredes frias dos corredores do prédio. Pela primeira vez vi nos olhos de Neris uma lágrima. Uma menina era o seu mais antigo sonho, que via agora realizado. Não se continha de tanta emoção. Mas a maior alegria era a minha, de poder realizar este desejo do meu marido. O seu nome seria Angela, em homenagem aos anjos do infinito céu. Era linda, de tamanha beleza, rara de se ver em bebês. Tinha o rosto de minha mãe e às vezes me lembrava um pouco o de Andy, quando recém nascida. Angela veio para nos alegrar e encher a nossa casa de barulho, estrepolias e muita vida saudável. Sonhava para ela uma vida diferente daquela que eu tinha tido, ou ainda daquela que pude dar à Andy.

Mas a felicidade nunca é completa, e quando Angela se preparava para o seu aniversário de cinco anos, seu pai teve um ataque cardíaco, vindo a falecer em seguida. O

desespero tomou conta de mim novamente. Como seria a nossa vida sem a presença de Neris? Por que, meu Deus, tinha de levá-lo logo agora, que estava radiante com a filha?

Uma vez mais tive que me conformar com a sorte, pois nada podia fazer para alterar o curso da vida. Neris faleceu e nos deixou uma fortuna incalculável, de maneira que poderíamos ter a nossa vida numa seqüência digna. E desta vez saberia honrar a sua lembrança. Tinha sido um homem exemplar e me mostrou o lado correto de viver, com altivez e honradez. Apresentou-me à sociedade sem nenhum constrangimento ou vergonha do meu passado, fez-me uma senhora de respeito. Direcionou-me nos caminhos de uma vida feliz. Jamais desonraria a sua memória.

Neris confessou-me várias vezes, ainda antes de nos casarmos, que gostaria de ter uma família, filhos, pois sozinho não teria a quem deixar toda a sua fortuna. Queria, entretanto, uma mulher que tivesse conhecimento de como a vida realmente é. Alguém que já tivesse passado por momentos difíceis e sofrido um pouco, ganhado experiência com o passar do tempo; mas que fosse compreensiva e com vontade de mudar. Por várias vezes confessou-me isso. Estava feliz porque via em mim essa mulher. Morreu aos cinqüenta e três anos, deixou-me viúva com trinta e oito, após um convívio de seis anos de felicidade e uma filha com apenas cinco aninhos.

Angela sentia muito a falta do pai. À medida que crescia perguntava muito a respeito dele. Tinha curiosidade de saber como nos conhecemos, e sempre que me perguntava isso eu procurava desconversar, mudando logo de assunto. Manteria segredo de minha vida passada até mesmo para preservar a minha imagem junto a ela. Não poderia reviver fatos que lhe prejudicassem no presente, coisas vividas no passado de maneira inconseqüente. Este era um dos segredos que jurei manter comigo até a morte. O

outro, que também tinha prometido não revelar, era a respeito do pai de Andy.

De início nossas vidas andavam um pouco atribulada sem a presença de meu marido, mas aos poucos fui acertando as coisas até que tudo estivesse nos seus lugares.

Angela crescia e se tornava uma menina bonita e vaidosa como a sua avó. Estudiosa e acima de tudo muito carinhosa. Dava-lhe muita atenção e não me descuidava de sua educação. Quando chegou ao término do colegial, mandei-a estudar na Europa, onde adquiriria cultura, além do curso que faria na mesma faculdade de seu pai, em Coimbra.

Anos depois voltou formada médica, e então pôs-se a trabalhar num belo consultório que montei para o exercício da sua profissão, que ia próspera e cada vez mais atuante.

Não tardou e Angela estava às voltas com um namorado, também médico. Parecia que se amavam muito e logo começaram a falar em casamento. Eu a aconselhava muito, preocupada para que não tivesse a mesma sorte que tive, para que não levasse uma vida errante como a minha. Mas felizmente a menina possuía outra índole.

Ambos se davam bem, e quando menos se esperava estavam marcando a data da cerimônia. Eu fazia questão de lhes dar uma festa grandiosa. E assim os preparativos começaram. O corre-corre atrás de vestido, de alfaiate, clube para as festividades, músicos que tocariam no baile, entre tantas coisas mais inerentes ao casamento, ocupando-me o tempo todo.

A cerimônia religiosa foi na catedral. Na mesma catedral onde em tempos idos eu cometi a loucura de fugir, deixando a madre superiora do convento apavorada, pouco depois eu lhe escrevi uma carta onde me declarava bem e

pedia desculpas pela minha fuga. Tornamo-nos duas grandes amigas. Vez por outra eu fazia contribuições generosas ao convento.

Eu chorava ao som da marcha nupcial tocada pelos órgãos da igreja, enquanto lentamente minha filha caminhava pelos corredores em direção ao altar, onde estava a sua espera o noivo. O som melancólico produzido pelas tubas do órgão despertava em meu peito sentimentos que se convertiam em lágrimas emotivas, ora de alegria, ora de tristeza.

Alegria pela felicidade de minha filha que com apenas vinte e três anos se casava; tristeza pela nossa separação que ocorreria na sequência, quando então se mudassem para Porto Alegre, onde o marido tinha interesses profissionais.

Nove meses depois, o choro de uma criança enchia novamente nossa casa de alegrias e esperanças. Nascia o meu neto, um belo garoto que veio para nos aproximar novamente, nem que fosse por alguns dias apenas, enquanto durasse a quarentena, que passariam em minha casa. O nome, escolhido pela sua mãe, era Paulo.

O tempo passou depressa e Angela voltou para Porto Alegre levando o meu neto, deixando-me sozinha naquela imensa casa. O meu convívio passou a ser com alguns amigos que ainda me visitavam e com os empregados que me faziam companhia na maioria das vezes. Sempre que a saudade apertava, ia visitar minha filha e meu neto. Assim os dias transcorriam mais depressa.

Minha saúde já não era a mesma de outrora. Sentia fortes dores reumáticas que me impossibilitavam movimentos maiores. Começava a sentir o peso da idade; agora, com sessenta e três anos, sentia-me cansada e com pouca disposição. Na maioria das vezes ficava em casa

tricotando sentada na sala, quando dava asas as minhas lembranças. Sentia uma falta muito grande de meu marido.

Guardava dentro de meu peito todos os momentos felizes que juntos tivemos. Rezava pela sua alma e falava a Neris que em breve estaríamos juntos novamente, para todo o sempre. Vez por outra adormecia sentada com o terço na mão, sem mesmo terminar as orações que havia começado.

Tempos depois minha filha, o marido e meu neto Paulo voltaram a morar em Curitiba, junto comigo na minha casa, o que me deixou mais tranqüila. Agora não estaria mais sozinha, na minha idade isso não era recomendável. Havia de estar cercada por entes queridos, que me apoiassem dando-me bastante segurança e amparo.

Meu neto Paulo, gostava de estar sempre comigo, vivia me rodeando e me paparicando. E assim passávamos o tempo, enquanto ele crescia, eu envelhecia cada vez mais. Ele ficava entretido ao meu lado ouvindo atentamente as histórias que lhe contava. Ora eu as inventava ou as lia em livros infantis, assim conseguia mantê-lo sempre quieto juntinho a mim.

Certa noite tive um sonho com Neris. A madrugada avançava na direção dos ponteiros do relógio, ele vinha do céu me ver, e com carinho me abraçava. Falava coisa lindas ao meu ouvido, frases que me dizia outrora quando ainda em vida.

Foi um sonho tão real, que sentia quando me tocava a pele com o calor de suas mãos. Sentia seus afagos em meus cabelos. Mas de repente, pedia que tivesse paciência e ... eu não podia entender o que estava falando, pois sempre interrompia e não completava o que ia dizer, desaparecia e retornava novamente no sonho. Pedia-me paciência, era só o que podia entender. Mas paciência para o que? Interrogava-me cheia de curiosidade que se misturava com a emoção de

estar vendo e falando com o amor de minha vida. Aquele sonho não devia terminar nunca mais, assim eu desejava naquele momento.

Voltava e novamente me pedia paciência, falava comigo, desta vez mais calmo e menos fugidio. "Astrid, tenha paciência que encontrará Andy brevemente, tenha paciência", repetiu e desapareceu no infinito sorrindo com aquele sorriso meigo e afetuoso.

Quando acordei estava inteiramente suada, molhada pelas gotículas do suor que me vertiam da pele. Assustada, não sabia se aquilo tudo era fruto de minha imaginação ou se realmente tinha conversado com Neris.

Dizia-me com sua voz doce e suave, que tivesse paciência que muito em breve estaria com Andy. Seria isso possível, meu Deus? O realismo do sonho reavivou antigas lembranças, mexeu com o meu coração que agora estava acelerado. Neris havia me prometido que me ajudaria na busca de Andy. Estaria ele me ajudando agora? Quem sabe lá do céu guiará os passos dela, colocando-a no meu caminho, quem sabe?

Levantei-me e durante o dia todo estive nervosa, e só pensava no sonho. Em tudo que fazia via a minha irmã. Mas a imagem que dela fazia, ainda era aquela quando tinha sete anos, sendo arrancada de meus braços na fazenda. Como estaria ela agora? Me perguntava cheia de dúvidas.

A semana passou sem sonhos, sem as visões de Neris, anunciando-me o encontro que teria com Andy. Mas continuava com fé em minhas orações e na esperança de que o meu marido voltasse com alguma notícia. Acreditava que através das ilusões eu fosse levada até minha irmã.

Uma semana depois que tive as visões com Neris alguém bateu-me à porta. Mandeí que o mordomo

atendesse, e verificasse quem era. Informou-me tratar-se de uma mendiga, em busca de alimento. Pedi que a fizesse entrar pela porta dos empregados, e a levasse até a cozinha e lhe desse de comer e beber.

Num repente, levantei-me do sofá onde tricotava na sala de visitas, e fui até mais próximo da porta da cozinha a fim de verificar a pessoa que mandei recolher. Uma força estranha e irresistível me impulsionou a isso.

Com aparência suja e trajando vestes rotas, comia como se estivesse sem se alimentar há meses. Seu olhar era esquivo e seus gestos rudes. Aproximei-me um pouco mais, para poder enxergá-la melhor. Havia algo estranho com aquela mulher, que aparentava uns cinqüenta e seis anos de idade. Enquanto se fartava, olhava a sua volta como que admirando tudo que via. Em certos momentos me parecia louca pelas expressões que fazia.

Aproximei-me ainda mais e comecei a falar com ela. Mal respondia minhas perguntas, e enquanto falávamos ela baixava o olhar, como quem não quer encarar o interlocutor. Devagarinho fomos conversando e ganhando uma confiança mútua.

Ofereci-lhe alimentação sempre que quisesse ou sentisse fome, e assim fomos estreitando lentamente nossa amizade. Notei que com ela havia uma sacola que estava sempre presa entre suas pernas, enquanto permanecia sentada comendo. Observei ainda, a sua preocupação em não esquecer-la ao ir embora, por isso estava sempre com a atenção nela. Fiquei curiosa com este fato. Então chamei o mordomo e pedi-lhe que a enchesse de alimentos. Com isso poderia ver o que ela continha.

À medida que enchia o alforje, coisas velhas e sujas saíam de dentro dele, para desocupar espaço, e qual não foi a minha surpresa, quando de repente, surgiu lá do fundo

uma boneca de pano, quase toda puída e suja. Imediatamente perguntei qual era o seu nome, achando que ela poderia ser a Andy, e então me respondeu, com a voz mais forte, pois tinha acabado de se alimentar: Meu nome é Maria, Maria das Dores e Silva.

Questionei então sobre a boneca, onde a tinha arranjado. De início ficou um pouco assustada com tantas perguntas que lhe fazia. Procurei tranquilizá-la dizendo que quando eu era menina também tive uma boneca igualzinha àquela. Acalmou-se e explicou-me logo a seguir que havia comprado de uma amiga que estava na pior por falta de dinheiro.

Meu Deus! Não poderia ser aquilo uma coincidência! Aquela boneca só poderia ser a "minha menina," a boneca de Andy. Era uma boneca antiga fabricada na Alemanha. Mas onde estaria Andy agora?

A pedinte levou o mordomo até o local onde possivelmente estaria a verdadeira dona daquela boneca, com a incumbência de trazê-la até a mim. Vasculharam a favela e não a encontraram. Ele voltou para casa.

Naquela noite nem consegui dormir de tanto pensar nas coincidências, achava que estava a um passo de minha irmã. O dia nem bem amanheceu e o mordomo tomou o rumo das ruas, procurando por Andy com a ajuda da mendiga que estava solidária nas buscas.

Fiquei em casa aflita, rezando para que a encontrassem logo. Seria a mendiga a mensageira de Neris? Estaria eu sendo ajudada por ele? Perguntas vazias e sem respostas concretas. Mas meu coração estava cheio de esperanças.

Não tardou e o carro estacionou na frente de minha casa. Corri para a porta. Senti um frio paralisar-me as pernas

assim que olhei as pessoas que do carro desciam. Era ela. Sim, não havia mais dúvidas. Era Andy que estava na minha frente, assustada e com os olhos arregalados, traumatizada pela vida sofrida que teve durante estes anos todos. Era a minha irmãzinha que ali estava, mal podia conter as lágrimas e os soluços que brotavam de meus olhos.

À medida que se aproximava, mais certeza eu tinha de que era ela, apesar de não tê-la visto nestes quarenta e nove anos de separação. Eu a reconheceria em qualquer circunstância.

Paramos por alguns instantes uma na frente da outra, para em seguida nos abraçarmos e nos agarrarmos agradecendo a Deus, a benção de nos ter aproximado de novo.

Andy contou-me toda a sua longa história de perambulações e desencontros. Contei-lhe todas as buscas que fiz para reencontrá-la. Nos perdoamos pelas nossas fraquezas, pelos nossos insucessos.

Recomprei a boneca "minha menina" por um bom dinheiro e dei mais uma gratificação polpuda à sua amiga mendiga, que saiu sorridente.

Andy teve uma vida tão agitada quanto a minha. Passou por vários dissabores, foi assediada sexualmente pelo diretor da casa de menores, que lhe prometia uma condição melhor e mais digna que aquela que estava levando. Lavou pratos, chão, roupas e perambulou por vários prostíbulos, em busca de uma melhoria de vida. Todos aqueles que dela se acercavam, enchiam-na de promessas que não eram cumpridas.

Foi transferida aleatoriamente a diversos conventos, inclusive fora do Estado. Em nenhum deles estava feliz. Só o que fazia era trabalhar em serviços pesados, até que

atingindo a maioridade, desvencilhou-se das amarras que a prendiam naqueles lugares por força da lei.

E assim saiu à procura de emprego, mas nada achava que pudesse satisfazê-la em suas ambições. De um lado a outro da cidade, sem destino, acabou levando uma vida de prostituição e muitos tropeços. Por fim, acabou nas ruas mendigando migalhas que lhe garantiam a sobrevivência.

Desiludida da vida, peregrinou por vários anos pela cidade, sempre na esperança de me encontrar, de poder me abraçar, como fizemos no dia do nosso encontro.

Andy estava agora com cinquenta e seis anos de idade, desgastada pelo tempo e pelo sofrimento. Sua imagem não era aquela de outros tempos, quando menina, pois os anos se encarregam de nos modificar em nossas aparências, mas nossos sentimentos continuavam os mesmos, expressando muito amor uma com a outra. Agora só a morte nos separaria. Viveríamos o resto dos nossos dias juntinhas.

*** ***

Com o passar do tempo eu ficava mais velha, e minhas artroses incomodavam cada vez mais, meu coração batia mais lento e fraco dentro do meu peito. Com oitenta e sete anos, velhinha e quase sem forças, fui acometida por um derrame cerebral, que quase tirou-me a vida.

Estava internada há quarenta e cinco dias no hospital, acordei naquele momento sobressaltada. Sentia-me agitada e inquieta, chamando por Andy, gritando o seu nome.

Começava a me mexer, meus músculos se soltavam aos poucos. Abria e fechava meus olhos. Um milagre acabava de acontecer no instante máximo de minha

excitação, quando reencontrei Andy, ao lembrar aqueles tempos. Isso me fez repentinamente regressar do coma profundo em que me encontrava..

Meu Deus! Agradeço-lhe pela sua bondade, balbucie. De meus olhos escorriam, não lágrimas, mas a seiva de minha vida, que se refazia naquele momento. Nunca perdi a esperança de viver pela sua infinita bondade. Sabia que não me abandonaria.

Todos se aglomeraram ao redor da cama, orando e agradecendo a Deus pela minha melhora. Podia falar com voz tênue, vê-los e ouvi-los claramente. Sentia seus toques de carinho em meu corpo.

Aos poucos conseguia movimentar as mãos e os pés, antes totalmente paralisados. Com alguma dificuldade procurava falar com todos, ainda que com voz tremulante. À medida que me esforçava era melhor entendida, porque minhas palavras articulavam-se melhor.

Ao meu lado estavam minha filha Angela com o marido, meu neto Paulo e Andy, todos nervosos, mas felizes, riam e choravam ao mesmo instante de tanta alegria.

O médico, assim que soube, veio correndo ao meu quarto. Fez-me exames os mais variados, procurou meus reflexos que estavam intactos e responsivos.

Enfim, eu estava curada e louca para voltar para casa. Mas o doutor não permitiu, segurou-me por mais cinco dias, procurando avaliar-me melhor, quando então me deu alta e uma série de recomendações, que não cumpriria mais tarde.

Sem saber explicar como tudo aconteceu, o doutor atribuiu a minha melhora a um milagre. E eu sabia disso. Pois conversei muito com Deus naqueles dias todos. Ele me

atendeu em minhas preces. Eu haveria de cumprir todas as promessas que lhe fiz, todas, sem exceção.

Deixamos o hospital e voltamos para casa, onde comemoramos juntos, a felicidade de estar viva. "

*** **

Astrid faleceu quase um ano depois, pouco antes de completar oitenta e oito anos. A narrativa das suas memórias foi encontrada na gaveta da escrivaninha, juntamente com o inventário de seus bens.

Suas lembranças foram escritas de próprio punho, com letra arrastada e tremida, pela sua idade avançada. Nos escritos deixados em várias folhas de papel, revelou todos os seus segredos, mesmo os mais íntimos. Toda a sua vida de desventura e glórias, com os seus altos e baixos, foram revelados sem o menor constrangimento.

Deixou riqueza, mas antes de tudo, legou uma lição de vida, de persistência e de fé, que só contribuiu para que seus descendentes respeitassem ainda mais a sua memória.

Astrid foi enterrada juntamente com a sua boneca "minha menina" como havia pedido uns dias antes da sua morte, sussurrando aos ouvidos de sua irmã Andy.

As últimas palavras escritas foram: "***Deixo esta existência para ir ter com Neris, num outro plano superior. ... Ele foi o único homem que verdadeiramente amei ... Perdoem-me por só agora ter revelado os segredos de minha vida.***"

Astrid pressentiu a chegada da morte. Entregou-se a ela alguns dias depois de ter terminado de escrever as memórias, cumprindo assim, o que havia prometido a Deus, numa de suas divagações, quando ainda estava no hospital em estado de coma.

Astrid e sua irmã Andy viveram felizes por vinte e cinco anos após o reencontro tão esperado.